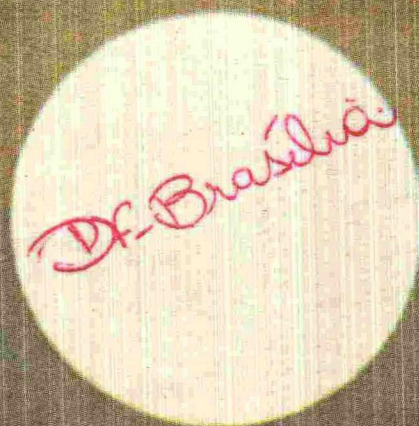


Brasília 46 anos



O retrato de um sonho

Aos 46 anos, Brasília esbanja beleza, criatividade e modernidade em suas linhas arquitetônicas e em seu povo. Veja seu passado, presente e futuro nas páginas deste suplemento especial

FOTO: JOSEMAR GONÇALVES

Jornal de Brasília

Brasília, 21 de Abril de 2006



A Brasília de todo o Brasil

Todo ano é mais ou menos a mesma coisa. Enchemos o peito de júbilo e comemoramos mais um aniversário de Brasília. Buscamos detalhes aparentemente imperceptíveis em um amplo painel que retrata a epopeia de um padre visionário, missionários heróicos, um presidente corajoso e milhares, ou melhor, milhões de cidadãos conscientes de que moram em um lugar único.

Nossa singularidade não está restrita apenas a arquitetura e urbanismo, mas também na busca da cidade original e criativa, sem deixar de ser humana, nos erros e acertos. Nesses 46 anos, demos aula de civilidade com o respeito a faixa de pedestre, mas também de imaturidade com a ocupação desordenada. Erguemos monumentos que entraram para os anais da construção moderna (caso da Ponte JK), e agredimos um horizonte deslumbrante com o oportunismo das propagandas irregulares. Constituímos indicadores sociais de primeiro mundo em diversos segmentos (como, por exemplo, no saneamento urbano), mas ainda nos envergonhamos de olhar com profundidade o dia-a-dia de moradores de áreas como a Estrutural, que vivem abaixo do terceiro.

Sob qualquer ponto de vista, 46 anos ainda é muito pouco tempo para vaticinarmos um futuro deslumbrante ou um ocaso apocalíptico. A cidade já mostrou que tem vida própria, que tem talento e possui vocações que

superam a visão distorcida de quem só trilha o eixo Aeroporto-Esplanada.

Vez ou outra, ainda é retrada como a musa inspiradora do mar de lama que insiste em emporcalhar a política nacional. Como se não fosse, na verdade, o ponto de encontro dos que esquecem a ética e dos que estão dispostos a morrer por ela. Como se não fosse a Brasília de todos, pobres, pretos, mulatos, brancos, amarelos, heteros e homos, instruídos e analfabetos.

E tome de falar que a mudança para o Planalto Central afastou o povo das decisões. Como se não fosse esse povo, do Oiapoque ao Chui, que designou seus representantes. Ou então criticam-se os amplos espaços como matadouros das manifestações públicas. Como se reunir o Congresso Nacional em uma quitinete de Copacabana fosse resolver todos os nossos problemas.

Brasília é o País escancarado no que há de melhor e pior. A diferença é que ainda nos dispomos a construí-la e mudá-la e ainda há os que não jogaram as cartas. São administradores públicos, empresários, ambientalistas, artistas, profissionais liberais, servidores e, claro que sim, políticos. Gente que tem compromisso com um passado de 46 anos e um futuro grandioso. Que projeta nossa ainda jovem cidade como exemplo e estímulo para todos os brasileiros.

A praça do povo

A sombra do mastro da bandeira da nação, a Praça dos Três Poderes mais parece um esboço futurista. De um lado, o Palácio do Planalto, com os Dragões da Independência perfilados. Do outro, o STF. Pouco mais adiante, as colunas alvas do Congresso Nacional erguem-se imponentes.

Em meio ao vento do outono e à susedez característica de quem dita as regras do País, o calor humano encontra espaço. Além das pombas que habitam o lugar, o silêncio na praça mais poderosa do País é quebrado por frequentadores que trazem vida às linhas modernas de Oscar Niemeyer.

O mito de JK está impregnado na Praça dos Três Poderes. Ali, turistas e moradores imaginam deparar-se com o carisma do ex-presidente nos monumentos, enquanto as crianças correm e se divertem com os pombos.

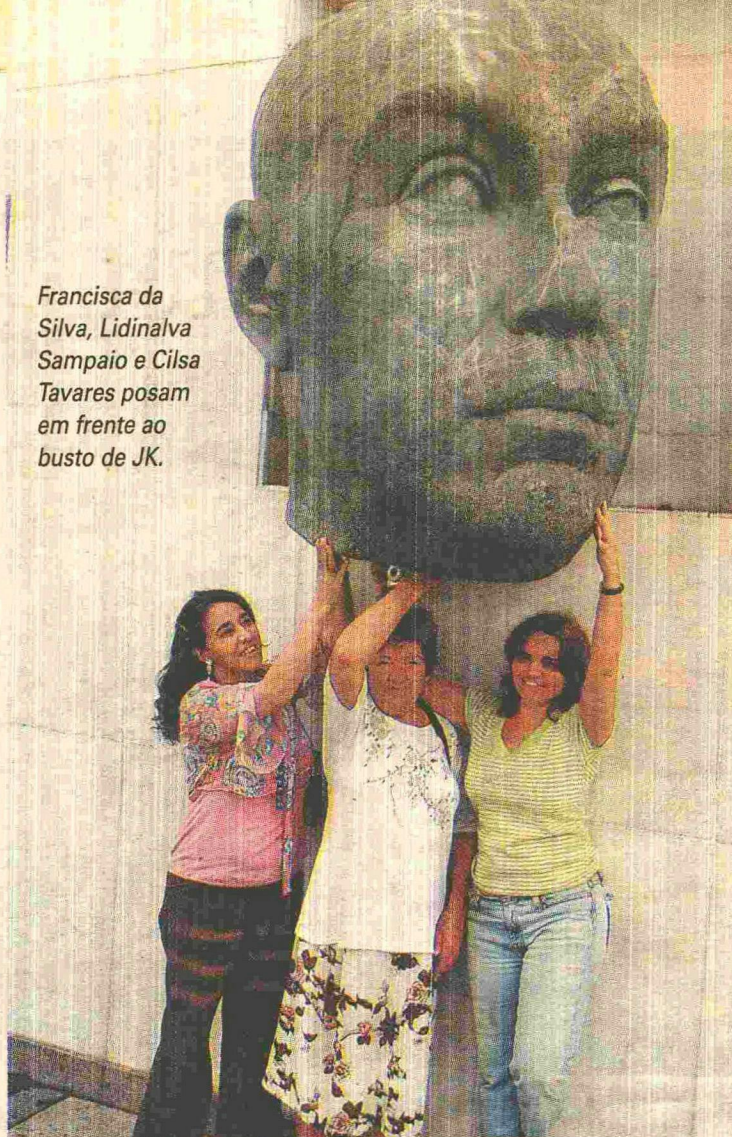
Palco de alguns dos acontecimentos mais marcantes do País, o lugar guarda rica bagagem histórica. De festas a manifestações, ela foi cenário das alegrias e

frustrações do povo.

Professora de literatura, Cilsa Tavares só tem boas lembranças da Praça dos Três Poderes. Da mesma forma que brincou com os patos no espelho d'água na frente do Congresso Nacional, em sua infância, ela foi à praça participar de atos políticos. Lá, misturou-se à multidão em passeatas, como a do "Fora Collor", em 1992. Para Cilsa, no entanto, os momentos mais importantes na praça foram vividos ao lado dos alunos que leva para conferir a história e a literatura na prática. Em Brasília desde 1975, ela considera a Praça dos Três Poderes a mais bonita que já visitou. "Viajei o mundo inteiro. Conheço Paris, Roma e os EUA. Mesmo assim, a arquitetura daqui é a mais diferente e a que me traz mais lembranças", confessa.

A praça encanta não apenas quem mora em Brasília. Amiga de Cilsa, a aposentada Francisca Natália da Silva, 64 anos, vive em Anápolis (GO). Sempre que vem à capital, pede para ir ao local. "Gosto muito daqui. O verde se destaca no meio da arquitetura", revela.

Francisca da Silva, Lidinalva Sampaio e Cilsa Tavares posam em frente ao busto de JK.



TONY WINSTON

O fotógrafo do cotidiano dos Três Poderes

Para o fotógrafo José Modesto Lopes (foto), 62 anos, a Praça dos Três Poderes tornou-se a segunda casa. Morador de Santa Maria, todos os dias ele acorda cedo, apanha uma condução e dirige-se à praça. Lá, anda de um lado para outro com a fiel companheira: uma máquina fotográfica Polaroid, que permite que a foto seja impressa instantaneamente.

José vende cada foto por R\$ 10 e, com seu jeito manso, reclama que antigamente era melhor. "Tirava muitas fotos todos os dias. Agora, as pessoas trazem as próprias

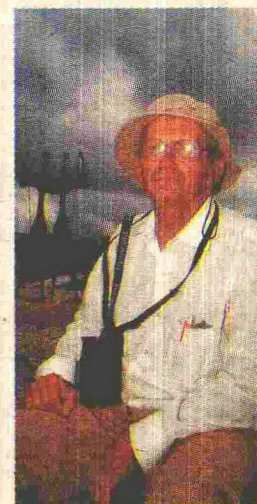
máquinas digitais. Estou ficando sem o meu ganha-pão por causa do avanço da tecnologia", desabafa, com certa ponta de nostalgia.

O fotógrafo lembra os tempos áureos, quando era disputado por turistas e crianças de escolas em excursão. Na década de 70, ele chegou a ter a camisa rasgada numa dessas competições entre alunos que queriam tirar uma foto. "Eu só escutava: agora é a minha vez. É a minha vez", recorda.

As lembranças fazem o coração de "seu" Modesto bater de saudade, tanto de vi-

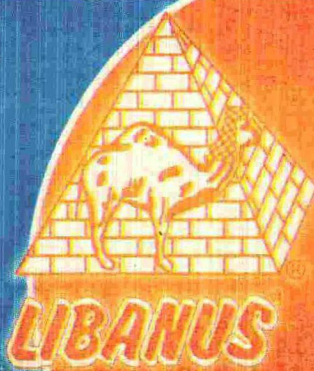
sitantes comuns como das personalidades políticas e históricas. "Eu assisti à inauguração do Espaço Lúcio Costa com o próprio e fotografei muitas autoridades, como Ulysses Guimarães, Castelo Branco e Lula", ressalta.

Dentre tantos acontecimentos, ele conta com exatidão, o episódio em que a ex-primeira-dama Rosane Collor prendeu o salto do sapato nas pedras da praça. "Ela estava bem elegante e com um salto bem alto. Quando o calçado enganchou, não ajudei, pois ela tinha muitos seguranças em volta", conta.



Parabeniza Brasília pelo seu aniversário

CLS 206, Bloco C, loja 36
Tel.: 3244-9795
Há 17 anos com você!



Muito mais que uma ponte

Quem disse que ponte só serve para encurtar distâncias está enganado. A Ponte JK é especial. Localizada num ponto privilegiado do Lago Paranoá, bem próxima à Esplanada dos Ministérios, ela serve, também, de lazer para a população. Por dia, a ponte, eleita a mais bonita do mundo, atrai centenas de pessoas que aproveitam para caminhar, namorar ou simplesmente contemplar a arquitetura monumental.

Quem está na capital a passeio não deixa de dar uma passadinha sobre a ponte, que virou ponto turístico. A impressão de leveza transmitida pelos três arcos transversos, inspirados pelo movimento de uma pedra quicando sobre o espelho d'água, contrasta com a robustez da obra. Somente o volume de concreto submerso no lago é suficiente para a construção de três superquadras inteiras, com dois mil apartamentos.

A beleza do lugar fez Janieri Nunes, 31 anos, e o marido Romer Freitas, 35 anos, saírem de Águas Lindas (GO) para comemorar o aniversário de um ano do filho. Eles aproveitaram a ocasião para mostrar a ponte a duas parentes de Teresina (PI). "Tive muita vontade de tocar nos arcos. A paisagem é maravilhosa", diz Jacyara Nunes, 14 anos, sobrinha do casal. "Vou me recordar muito daqui quando for embora", acrescenta.

Para o catarinense Gilberto da Silva, a ponte é mais moderna que bonita. Ao lado da mulher, Maria Inês, ele veio a Brasília visitar o filho, que mora na cidade há um ano. Aproveitou para conhecer a capital e ficou impressionado com a imponência da ponte. "Em Blumenau, a arquitetura é bem diferente", avalia. "Tudo aqui sai dos

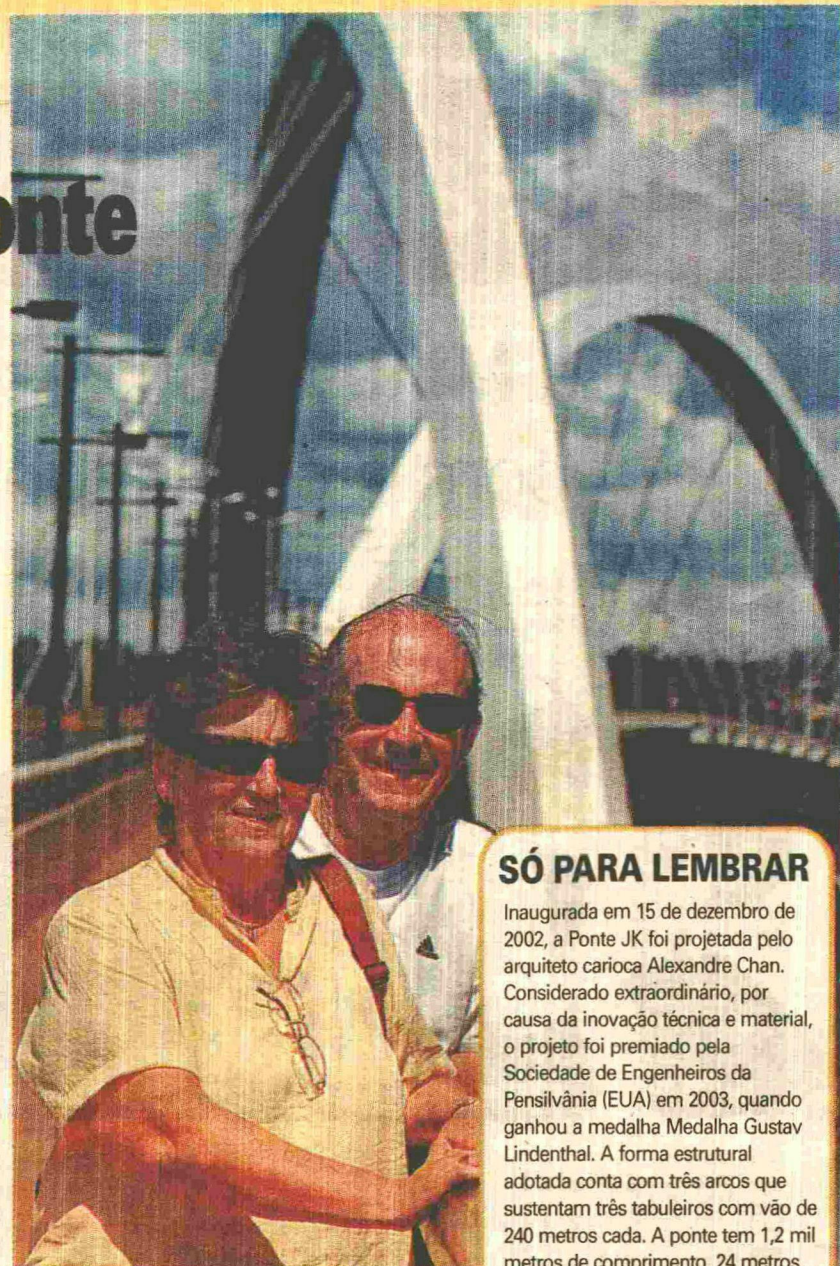
padrões normais, pois as obras são grandiosas e surpreendentes."

Era hora de almoço, mas a garota Letícia, de apenas 7 anos, não via a hora de conhecer a Ponte JK. A mãe, Maíra do Perpétuo Socorro, 33 anos, mineira de Belo Horizonte, colocou a filha com o mesmo modelo de vestido que usava: rodado, romântico e todo florido. "São momentos especiais que precisam ser lembrados. Vim visitar a minha irmã e aproveitei para mostrar à minha filha as belezas da capital do País", diz.

Com um saco de pipoca nas mãos e muito brilho nos olhos, a garota observava com admiração os arcos brancos, que também chamaram a atenção da mãe. "Essa ponte é realmente uma das estruturas mais bonitas do mundo, além de ser uma linda homenagem ao presidente Juscelino Kubitschek, que idealizou um lugar tão especial", avalia a mineira.

Diante da arquitetura arrojada, nem os esportistas resistem a uma pausa. Ao passar de bicicleta pela ponte, o estudante goiano Gustavo Flávio, 23 anos, deu um tempo nas pedaladas para contemplar um dos principais cartões-postais da cidade. Há pouco tempo morando na capital, ele visitou a ponte pela primeira vez e promete incluí-la no roteiro de exercício dos fins de semana.

Gustavo seguirá o exemplo do biólogo Paulo Moutinho, 44 anos. Todas as semanas, ele pedala do Lago Norte até a ponte, passando pela L4 Norte. Apesar de admirar o visual, Paulo cobra infra-estrutura para receber os turistas. "Um lugar tão bonito deveria contar com alguma área de lazer em volta", avalia. "Não dá para os carros continuarem parando no acostamento", opina.



Gilberto da Silva e a esposa, Maria Inês, ficaram, impressionados com a arrojada arquitetura da Ponte JK

SÓ PARA LEMBRAR

Inaugurada em 15 de dezembro de 2002, a Ponte JK foi projetada pelo arquiteto carioca Alexandre Chan. Considerado extraordinário, por causa da inovação técnica e material, o projeto foi premiado pela Sociedade de Engenheiros da Pensilvânia (EUA) em 2003, quando ganhou a medalha Medalha Gustav Lindenthal. A forma estrutural adotada conta com três arcos que sustentam três tabuleiros com vão de 240 metros cada. A ponte tem 1,2 mil metros de comprimento, 24 metros de largura e estrutura metálica de 25 mil toneladas.

Vem aí um complexo turístico

A Secretaria de Obras promete investir R\$ 2,2 milhões para urbanizar um terreno de 120 mil metros quadrados à direita da ponte, próximo ao Centro Cultural Banco do Brasil. Segundo o órgão, 80% dos lotes da área foram licitados para a construção de um complexo turístico, com marina, deck, lanchonete, calçadão e

um museu que contará a história da construção da ponte. O projeto arquitetônico e paisagístico será escolhido por meio de concurso público, coordenado pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) e a exploração caberá à iniciativa privada. As obras, no entanto, ainda não têm data para começar.

Os parques de uma cidade verde

RENATO ARAÚJO

Em meio à terra vermelha do Cerrado, o verde garante o seu lugar. Com 40% da área ocupada por parques e unidades de conservação, o DF integra a natureza ao espaço urbano. Por ano, 200 mil mudas de árvores e 3 milhões de metros quadrados de grama são plantados pela Novacap.

As plantas embelezam a cidade e ajudam a manter a qualidade de vida. A maior parte desse verde, no entanto, ainda não pode ser aproveitada pelos habitantes. Dos 64 parques existentes no DF, somente dez contam com infra-estrutura para receber visitas.

Moradora da Asa Norte, a professora Adriana Müller, 43 anos, frequenta o Parque Olhos D'Água duas vezes por semana para fazer caminhada. Na avaliação dela, a maior vantagem do parque, criado em 1994, mas inaugurado somente em 2001, é a proximidade de casa. "Antes tinha de ir ao Parque da Cidade para fazer caminhadas", explica. "Agora posso vir para cá andando."

Recém-chegada a Águas Claras, para onde se mudou há dois meses, a servidora pública Maria da Conceição Ramos, 35 anos, pedala três vezes por semana no parque a poucos quilômetros de casa. "Deveria haver um pouco mais de segurança e de fiscalização para conter o despejo de entulhos, mas, no geral, achei o lugar muito bom", diz. Com ciclovia de 4,2 mil metros, pista para pedestres, trilhas ecológicas e dois lagos artificiais com animais, o Parque Águas Claras foi inaugurado em 2002.

Segundo o titular da Secretaria de Administração de Parques (Comparques), Ozanan Coelho, o GDF está investindo na urbanização de mais três parques. Ele promete iniciar, até o final do ano, as obras no Parque da Asa Sul, criado em 2003 entre as quadras 613 e 614 e que abriga várias nascentes. O projeto está pronto e inclui



Adriana Müller anda no Parque Olhos D'Água: uma opção mais perto de casa

PARQUES COM INFRA-ESTRUTURA

Nome	Área (em hectares)
Dona Sarah Kubitschek	395
Dom Bosco (Lago Sul)	131
Águas Claras	95
Ezequias Heringer (Guará)	309
Saburo Onoyama (Taguatinga)	93
Urbano do Paranoá	41
Olhos D'Água (Asa Norte)	21
Parque de Uso Múltiplo do Lago Norte, módulo II	28
Parque Recreativo do Gama	227
Parque Três Meninas (Samambaia Norte)	72

FONTE: COMPARQUES

uma pista de corrida e quatro quadras – duas de grama, uma de areia e uma poliesportiva.

Nos próximos meses, o TaguaPark, no Pistão Norte de Taguatinga, deve ganhar uma pista de cooper e 20 quilômetros de

alambrado. O projeto é ambicioso. Prevê bares, restaurantes, campos de futebol, quadras esportivas, ciclovia, parque de exposição, centro de convenções, mirante, teatros, museus, bibliotecas, escolas, faculdades, hotéis e shopping center. Até

agora, o local ganhou 2 mil mudas de árvores, pistas para caminhada e cercamento provisório.

Alvo de ocupações irregulares, o Parque Ezequias Heringer, no Guará, deve ter o cercamento concluído até o final do ano. "A retirada dos moradores que vivem no parque está praticamente concluída", revela Ozanan. Atualmente, o lugar conta com sede administrativa e posto policial, mas, sem urbanização, quase não recebe visitantes. Com 306 hectares de área, o parque abriga a maior diversidade de flora no DF, com 495 espécies de árvores, flores, arbustos e trepadeiras.

Tráfego, um desafio

A cidade de avenidas largas e quase sem cruzamentos sente o peso da dependência em relação ao transporte sobre rodas. O crescimento exorbitante de 39% na frota de veículos entre 2000 e 2005 traz impacto direto na rotina do brasiliense. Presos em congestionamentos ou sofrendo para encontrar uma vaga para estacionar, o motorista enfrenta suplício diário nos horários de maior movimento.

Pelas estimativas do Departamento de Trânsito (Detran), a cada cinco horas o DF registra cinco novos carros. Apenas nos primeiros dois meses deste ano, 9 mil veículos passaram a trafegar nas vias locais, o que elevou a frota para 830.054 em fevereiro. Até 2010, haverá um milhão de veículos em circulação. Na realidade, os números são ainda piores se forem levados em conta os cerca de cem mil carros do Entorno que diariamente passam pelo DF.

De cada cem veículos, 75 circulam com apenas um passageiro. Enquanto em São Paulo há um veículo para cada três habitantes, no DF a proporção é de um para 2,3 - a maior do País. Na comparação com os números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o individualismo dos motoristas fica ainda mais evidente. De 2000 para cá, a população do DF aumentou 13%, três vezes menos que a frota.

Um dos fatores que explica a alta concentração está na geometria das vias do DF, baseada em grandes distâncias e com poucas rotas alternativas. Para o especialista em Engenharia de Tráfego Paulo César Marques, da Universidade de Brasília (UnB), a própria concepção de Brasília favorece o uso do carro em detrimento do transporte coletivo.

"O próprio Lúcio Costa costumava dizer que o carro faz parte da família",

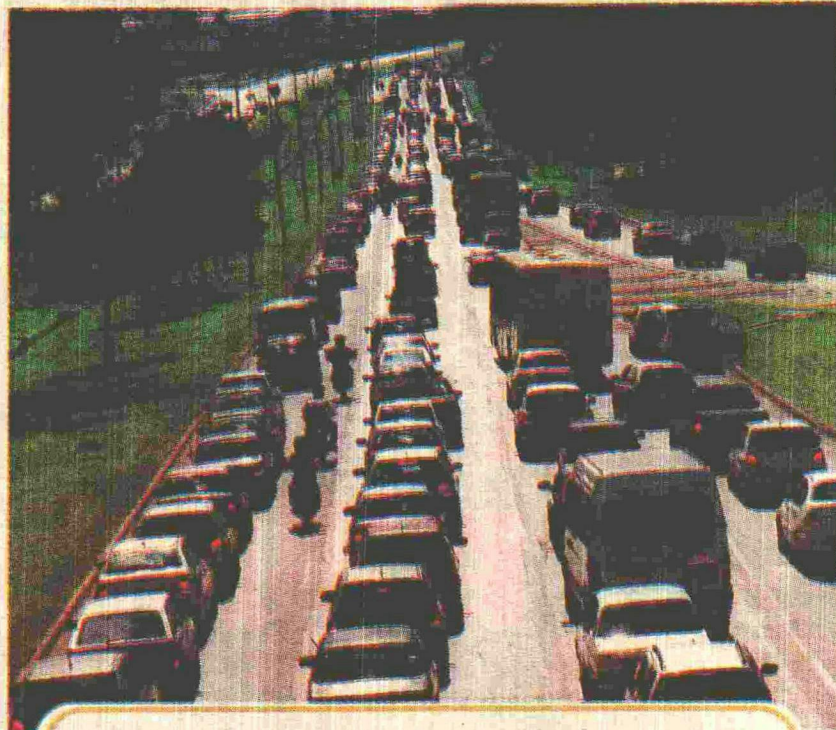
ressalta. No entanto, o engenheiro ressalta que o planejamento urbano não é o único culpado pelo excesso de veículos. Segundo ele, o projeto da cidade previa que os carros só seriam usados em deslocamentos longos. "As tarefas rápidas deveriam ser resolvidas nas próprias quadras, mas as unidades de vizinhança foram desvirtuadas", explica.

De acordo com o Detran, a maior parte dos congestionamentos ocorre porque quem mora nas cidades-satélites e trabalha no Plano Piloto vai e volta nos mesmos horários, das 7h às 8h30 e das 17h30 às 19h. Por causa disso, atualmente as vias com tráfego mais complicado nos horários de pico são a Estrada Parque Taguatinga (EPTG), Estrada Parque Indústria e Abastecimento (Epia), entre Sobradinho e Park Way, Via Estrutural e Estrada Parque Núcleo Bandeirante (EPNB).

Para amenizar os engarrafamentos, o GDF tem feito obras para desafogar o trânsito. Nos últimos anos, construiu 12 complexos de viadutos, alargou o Pistão Sul, em Taguatinga, e duplicou a L4 Norte. Neste ano, a Secretaria de Obras entregará a duplicação da L3 Norte, que passa em frente à UnB.

O Departamento de Estradas e Rodagem (DER) planeja ainda a criação da Via Interbairros, que ligará Águas Claras ao Núcleo Bandeirante, e a construção de vias marginais na Epia, do Balão do Torto até o viaduto próximo ao Park Shopping. Os projetos, no entanto, ainda não têm data para sair do papel.

Paulo César Marques acredita que, para evitar o colapso no trânsito da cidade, a principal medida deve ser o investimento em transporte público. "Se a frota continuar a crescer 6% ao ano, as obras correm o risco de se tornar obsoletas".



CEDOC/JOSEMAR GONÇALVES/31.03.2005

Investimentos no transporte coletivo

Para estimular o uso do transporte coletivo, a Secretaria de Transportes pretende lançar o Projeto Brasília Integrada. Previsto para ser concluído somente em 2009, o projeto, que prevê o alargamento de vias para corredores de ônibus nas principais estradas do DF e a integração com o metrô, começa a ser efetivado depois de dois anos de discussões.

Desde fevereiro, o Governo do Distrito Federal negocia empréstimo de US\$ 161 milhões (R\$ 346,1 milhões) com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). O convênio deve ser assinado até junho. O GDF entrará com uma contrapartida de US\$ 85 milhões (R\$ 182,7 milhões).

Outro passo dado para o programa entrar em operação é a renovação dos 2,3 mil ônibus que compõem a frota do DF. Somente nos últimos oito meses, 300 ônibus adaptados para a bilhetagem eletrônica passaram a circular. Até dezembro, mais 350 ônibus devem ser trocados, ao custo de R\$ 500 milhões a serem pagos pelos empresários.

As empresas também arcarão com a instalação das novas catracas, cujo valor será negociado com as sete empresas homologadas pela Secretaria de Transportes no final do ano passado. De acordo com o órgão, os primeiros testes devem ser feitos em julho, mas ainda não há data definida para o sistema entrar em operação. Depois de os contratos serem fechados, o prazo para a tecnologia ser instalada dependerá de cada empresa.

Um choque na chegada

FOTOS: RENATO COSTA

A capital da República recebe mal os visitantes que vêm de ônibus. Em vez do horizonte, da arquitetura moderna e da amplitude das áreas verdes da cidade, quem chega a Brasília se depara com forros quebrados, fiações expostas e goteiras. Há mais de 20 anos funcionando de forma improvisada como terminal para viagens interestaduais, a Rodoferroviária é marcada pela falta de estrutura e pelo abandono.

Para diminuir a má impressão causada nas 5 mil pessoas que diariamente circulam pela Rodoferroviária, o Governo do Distrito Federal planeja construir outro terminal, na Estrada Parque Indústria e Abastecimento (Epia). Localizada ao lado da estação do metrô do Park Shopping, a nova rodoviária consumirá R\$ 25 milhões em obras, além de R\$ 5 milhões em adaptações viárias na área.

A nova rodoviária terá 40 mil metros quadrados de área construída, distribuídos em apenas um pavimento. Serão 32 baias de embarque e desembarque, 19 a mais do que na Rodoferroviária. O projeto prevê ainda a construção de 33 lojas e uma área de espera com o conforto que falta no atual terminal.

Está prevista a construção de dois estacionamentos, um gratuito e um pago. Quem precisar de transporte público para deixar o terminal poderá pegar o metrô, que será acoplado à nova rodoviária por uma passarela coberta. Há, também, uma área reservada para um terminal de ônibus urbanos, mas sua construção ainda não está definida.

A primeira promessa era a de que o novo terminal fosse entregue no final de março. No entanto, o cronograma atrasou. Segundo a Secretaria de Obras, o edital de licitação das obras está sob



Um péssimo cartão de apresentação. Assim a Rodoferroviária é avaliada pelos que chegam de ônibus a Brasília. Para turistas, a chegada é um choque e a cidade merecia uma estação melhor

análise da Procuradoria do DF. A resposta deve sair até julho. Somente então, a construção poderá ser iniciada.

Enquanto as obras não começam, os passageiros sofrem com as condições precárias. Usuária frequente do terminal, a assistente educacional Luísa Maria Ferreira, 54 anos, considera deplorável o estado do lugar. "Não há nem lugar para sentar", reclamava, pouco antes de embarcar para Patos de Minas (MG).

Moradora de Águas Claras, Luísa também queixa-se da falta de transporte público. "Às vezes, tenho de pegar dois ônibus de casa para cá", acrescenta. Para

ela, o imprevisto com que funciona o local prejudica a imagem da cidade. "Dá vergonha ter um terminal assim", admite.

A deterioração da Rodoferroviária chama a atenção de quem chega de outros estados. De passagem pelo terminal, enquanto aguardava um ônibus para Caxias (MA), o vendedor autônomo Roberto Caldeira, 36 anos, ficou chocado com a má conservação do lugar. "Aqui não tem restaurante e só vi um banheiro funcionando, com fila para entrar", afirma. "Meu único contato com Brasília foi a rodoviária e achei horrível", ressalta.

De solução precária a problema permanente

Inaugurada em 1981, a Rodoferroviária surgiu para desafogar o embarque e o desembarque das linhas interestaduais na Rodoviária do Plano Piloto. A construção, que durou seis anos, começou em 1970, depois de um convênio entre a Novacap e o extinto Departamento Nacional de Estradas de Ferro (DNEF).

Até 1999, a Rede Ferroviária mantinha um escritório no local. Depois que o órgão se mudou, no entanto, perdeu o domínio do prédio, cujo terreno pertence à Secretaria de Patrimônio da União. O uso e a conservação do terminal cabem ao GDF.

Uma briga judicial prejudica a manutenção da Rodoferroviária. Desde 1996, o GDF está sem pagar o aluguel por causa de um impasse em relação ao valor cobrado pela utilização do prédio, de R\$ 153 mil por mês.

Na ocasião, a Rede quis reajustar o preço, mas a Secretaria de Transportes tentou negociar uma redução no valor e, desde então, não paga mais. A Rede tentou cobrar R\$ 9 milhões na Justiça, mas perdeu em primeira instância e recorreu.

Em 2000, foi feita uma pequena reforma, que não solucionou o problema da falta de estrutura do prédio. Atualmente abandonado, o subsolo do terminal foi usado, no ano passado, para o desembarque dos ônibus, mas a concentração de fumaça e o barulho na parte de baixo do prédio fizeram a administração da Rodoferroviária desistir da idéia.

Novas vocações

A capital do serviço público aos poucos encontra outras vocações e colhe os frutos do desenvolvimento. Com 2,3 milhões de consumidores que detêm a maior renda per capita do País, R\$ 16.920 anuais segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a economia do Distrito Federal diversifica-se e alça vãos mais altos. A administração da máquina estatal agora divide espaço com o comércio e a indústria e, cada vez mais, deixa de ser a principal fonte de renda dos brasilienses.

Embalados pelo crescimento registrado em 2005, quando novos investidores chegaram ao DF, o comércio e a indústria local estão otimistas para este ano. Segundo a Federação do Comércio do DF (Fecomércio) e a Federação das Indústrias do DF (Fibra), as projeções apontam expansão. Pelas estimativas das entidades, o comércio do DF deve crescer 5%; e a indústria, 6,2% em 2006.

Apesar de mais modestos que os números do ano passado, quando o faturamento das indústrias locais subiu 11,95% e o volume de vendas no comércio aumentou 17,91%, os empresários estão animados. O crescimento é avaliado como positivo pelos dois setores por estar acima da média nacional. Para este ano, o mercado prevê expansão de 3,5% no Produto Interno Bruto (PIB).

Nos próximos anos, os empresários apostam que o DF continuará a se dinamizar. O aquecimento da economia nacional e os investimentos em infra-estrutura beneficiarão principalmente a in-

dústria de tecnologia da informação (TI) e o turismo, com reflexos positivos também na construção civil e no comércio varejista.

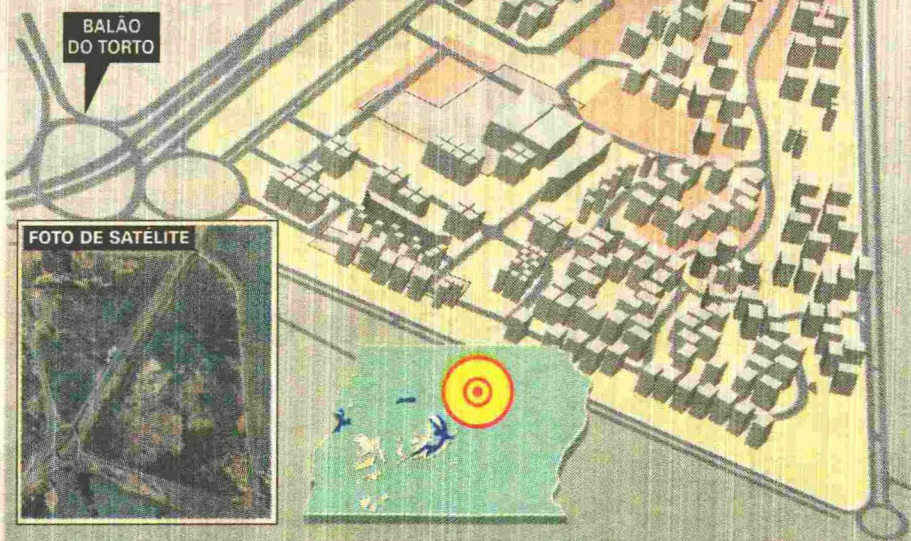
Para o presidente da Fecomércio, Adelmir Santana, a chegada ao DF de redes internacionais, como Leroy Merlin e Wal-Mart, representa o início desse crescimento, que, conforme ele, não estará restrito aos grandes estabelecimentos. "Nos próximos anos, a iniciativa privada se expandirá em todos os níveis, sem ser movida apenas pelo crescimento vegetativo da cidade", ressalta.

Adelmir baseia-se em recente estudo elaborado pela entidade, em parceria com a Câmara dos Dirigentes Lojistas e o Sebrae. De acordo com o levantamento, o crescimento do comércio ocorrerá em ritmo superior ao da população. Até 2010, a previsão é que 3,8 milhões de pessoas habitem o DF e o Entorno. Vice-presidente da Fibra, Ricardo Caldas também está animado em relação ao futuro do setor. "O brasiliense está cada vez mais consciente de que existe uma economia pujante fora do serviço público", avalia.

No curto prazo, o comércio aposta na ampliação de incentivos tributários e na reforma da legislação, com a votação, ainda este ano, da nova Lei de Micro e Pequenas Empresas e a ampliação da faixa de enquadramento do Simples Candango para R\$ 2,4 milhões. A indústria do DF aguarda a criação da Cidade Digital e a modernização das Áreas de Desenvolvimento Econômico (ADEs), que abrigam empreendimentos com benefícios tributários.

A CIDADE DIGITAL

A poligonal da Cidade Digital é uma área de 123 hectares entre o Parque Nacional de Brasília e a Granja do Torto. No pólo de tecnologia serão instaladas empresas de informática e de comunicação, o que significará a criação de 20 mil empregos diretos. A Caixa Econômica e o Banco do Brasil devem investir cerca de R\$ 4,4 bilhões na Cidade Digital.



Editoria de Arte/Valdo Virgo

Banco do Brasil impulsiona Cidade Digital

Com as obras previstas para começar em maio, o Centro de Tecnologia do Banco do Brasil será o principal investimento previsto para 2006. Responsável pela criação de 50 mil empregos diretos e indiretos nos próximos três anos, ocupará 20% dos 123 hectares da Cidade Digital e injetará na economia do DF pelo menos R\$ 1 bilhão até 2008 - R\$ 300 milhões em investimentos e R\$ 700 em equipamentos.

"A construção desse centro será importante para fortalecer as empresas de TI no DF", acredita o secretário de Desenvolvimento Econômico, Marcus Antonio Silva. Ele espera que a obra seja capaz de organizar a cadeia produtiva do setor. "Temos ótimas companhias atuando na área, mas ainda de forma isolada", explica.

Outro empreendimento bastante

aguardado é a conclusão das obras da filial da indústria de medicamentos da União Química. Em construção desde 2004, a fábrica, que funciona no Pólo JK, próximo a Santa Maria, atualmente produz embalagens e atua na distribuição de remédios. Prevista para ficar pronta no segundo semestre, criará pelo menos 200 empregos diretos. O investimento está estimado em R\$ 110 milhões.

Neste ano, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico pretende investir R\$ 243 milhões para concluir a infra-estrutura nas 18 ADEs em funcionamento, além de criar mais cinco áreas. A meta este ano é instalar asfalto, iluminação e tratamento de esgoto em todas as ADEs. Destinada a 450 empresas, a primeira ficará no Gama.

Ocupação, um desafio

A barragem de Corumbá IV garantiu água pelos próximos cem anos, mas a ocupação desordenada do solo ainda é uma bomba-relógio com a qual o Distrito Federal precisa lidar com urgência. A proliferação de loteamentos irregulares, que atualmente concentram um quarto dos 2,3 milhões de habitantes do DF, segundo a Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Seduh), pode comprometer a qualidade de vida da capital do País num futuro muito próximo.

A questão requer urgência. Além de coibir o surgimento de novos parcelamentos, é preciso disciplinar as 513 ocupações irregulares existentes, que abrigam 545 mil moradores pelos dados da Seduh. Atropeladas pelo crescimento populacional, as autoridades têm de lidar com uma realidade irreversível. "Se houve omissão do Estado, o Estado agora tem que resolver a situação e nunca mais ser omissor", alertou, no final de fevereiro, o presidente do Tribunal de Justiça do Distrito Federal (TJDF), desembargador José Jeronymo Bezerra.

O contingente que vive de forma improvisada demanda luz, água, saneamento, educação e transporte e pressiona os serviços públicos. O problema agrava-se com a confusão sobre a forma de regularização desses espaços e do pagamento de Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) desses loteamentos, cobrado dos condomínios desde o ano passado.

A grande discussão ocorre em torno de como regularizar a situação

de quem adquiriu, de boa-fé, um terreno vendido por grileiros. Dois modelos dividem a preferência dos legisladores: a venda direta, pela qual o morador recompra o terreno, e a licitação, em que o ocupante tem de disputar a posse em um leilão e pagar preços acima do lance mínimo para não perder o lote.

A definição do sistema a ser seguido enfrenta idas-e-vindas. O condomínio Taquari, próximo ao Lago Norte, foi licitado em 2002 e 2003 e atualmente enfrenta problemas de falta de segurança e de infra-estrutura. No início deste ano, 31 terrenos vazios do Setor Habitacional Jardim Botânico, próximo à Escola de Administração Fazendária, também passaram por licitação, mas a concorrência pública foi suspensa logo depois pelo então governador Joaquim Roriz, que atendeu à reivindicação de moradores da região.

O Ministério Público do DF, no entanto, defende a licitação. Em documento enviado a Roriz em fevereiro, o procurador-geral de Justiça do DF, Rogério Schietti, afirma que a venda dos terrenos diretamente para os moradores não está prevista na Constituição Federal e representa um incentivo à especulação imobiliária.

Jeronymo, no entanto, considera-se favorável à venda direta. Segundo o desembargador, a compra dos milhares imóveis funcionais que pertenciam à União pelos ocupantes, no início dos anos 90, representa precedente favorável. Para ele, as leis aprovadas que permitem a venda direta não são inconstitucionais.



Regularizar os condomínios é um dos impasses urbanos que Brasília enfrenta

impacto ambiental restringe uso de áreas

Presidente da União dos Condomínios Horizontais do DF (Unica), Júnia Bittencourt defende a venda direta. Para ela, representantes dos condôminos, do GDF, da União, da Justiça e do Ministério Público deveriam reunir-se para construir uma proposta. "Se as decisões forem impostas, as pessoas ficarão revoltadas e continuarão a morar em situação irregular", comenta.

De acordo com a secretária de Habitação, Diana Motta, a revisão do Plano Diretor de Ordenamento Territorial (PDOT) contempla a legalização do maior número possível de moradias. "As pessoas devem permanecer onde estão, desde que não haja

impedimento ambiental ou estejam em área de risco", diz. Júnia tem avaliação semelhante, mas cobra apoio e orientação para a comunidade. "Quem ocupa área de proteção ambiental realmente deve sair, só que o governo deve saber para onde levar essas pessoas", alega.

Responsável por cobrar IPTU de 200 mil habitantes em 220 condomínios, a Secretaria de Fazenda esclarece que o pagamento do imposto não está vinculado à regularização. Segundo o órgão, o GDF apenas está cumprindo a função de tributar construções. Quem não pagar, terá o nome incluído na Dívida Ativa do DF.

Consumo de água preocupa ambientalistas

Tanto pelo despejo de esgoto não-tratado como pela perfuração sem controle de poços artesianos, os parcelamentos irregulares representam risco para os mananciais. "Não podemos deixar a questão de lado, até porque é o futuro do DF que está em jogo", ressalta o diretor-presidente da Agência Reguladora de Água e Saneamento (Adasa), David José de Matos.

Pela legislação, a água é um bem público e pode ser utilizada livremente. Mas o consumo precisa ser feito de forma racional. Durante muito tempo feita sem fiscalização, só agora a perfuração de poços

artesianos começa a ser controlada. Criada em 2004, a Adasa emite outorgas de uso da água, documento pelo qual se estabelece uma quantidade a ser extraída de uma área em determinado período.

De acordo com David, a Adasa está dando prioridade às Bacias do Paranoá e do Rio Preto. Em relação a Corumbá, ele explica que a barragem, que formou um lago cinco vezes maior que o Paranoá, resolverá apenas o abastecimento de água encanada. "A usina foi um avanço, mas o governo continuará a fiscalizar o uso da água dos rios, das nascentes e dos lençóis freáticos", esclarece.



*Há 14 anos
servindo as
pessoas de sucesso
da cidade!
Parabéns Brasília*

Pet Shop

Rações

Prod. Veterinários

Prod. p/ piscina

Prod. p/ jardinagem

Peixes Ornamentais

Peixes de água doce

Peixes marinhos

Tosa e banho

Lago Sul

QI 15 - 3364-1616

QI 25 - 3367-0010

QI 29 - 3367-6777

Lago Norte

QI 03 - 3468-6999

QI 13 - 3368-2400



Adriana Borges aguarda com ansiedade a chegada das obras de saneamento a Vicente Pires, uma área ainda pendente de regularização fundiária

TONY WINSTON

100% de esgoto tratado

Aos 46 anos de idade, a capital do País, conquistou a marca de tratamento de 100% do esgoto coletado. No entanto, em áreas pendentes de regularização, como os condomínios, a Vila Estrutural e o Itapôa, a falta de saneamento e a degradação dos mananciais tornaram-se problemas que põem em risco o equilíbrio ambiental no Distrito Federal, comprometido pela ocupação desordenada do solo.

Orçado em US\$ 115, 2 milhões (R\$ 247,6 milhões), metade financiada pelo Banco Mundial (Bird) e metade bancada com recursos locais, o Programa Brasília Sustentável promete ser a solução. Entre as ações, estão o saneamento da região de Vicente Pires, a urbanização da Vila Estrutural e a construção do aterro sanitário de Samambaia, com o fechamento do Lixão do Jóquei.

O programa também prevê obras no Entorno. Por causa da proximidade com a Barragem do Descoberto, que responde por 65% do abastecimento de água do DF, haverá a instalação do sistema de esgoto de Águas Lindas (GO). Os 160 mil habitantes do município utilizam água de poços artesianos e deixam os dejetos em fossas

que contaminam o lençol freático.

As obras estão previstas para ficar prontas em cinco anos, mas a execução do programa encontra um empecilho. Pouco depois da assinatura do contrato com o Bird, em Washington, o Supremo Tribunal Federal (STF) suspendeu o empréstimo internacional. O ministro César Peluso alegou falhas na prestação de contas relativas a convênios anteriores.

EMPECILHO - Apesar do imbróglio, a secretária de Captação de Recursos, Rosana Arruda, assegura que o programa não está parado. "Existe um contrato assinado e temos de seguir com os trâmites", explica. De acordo com Rosana, em maio devem estar concluídos os ajustes que permitirão a execução do contrato. Dessa forma, a solução dependerá exclusivamente da Justiça.

Em meio ao impasse, a população que não conta com saneamento aguarda com ansiedade o início das obras. Sínica de uma rua com 37 casas na Colônia Agrícola Vicente Pires, a universitária Poliane Pereira, 24 anos, convive com o mau-cheiro das fossas. "Às 18h, temos de fechar as portas e as janelas", afirma.

Há três anos morando na mesma chácara, Adriana Borges, 36 anos, chega a gastar quatro caixas de incenso por mês. "Sou a favor da regularização. Se for para ter saneamento, pago imposto", opina. Segundo ela, os dejetos atraem ratos, que proliferam pela chácara. "Colocamos remédio há duas semanas e apareceram seis roedores mortos", ressalta.

DOENÇAS - No ano passado, a falta de saneamento provocou casos de disenteria na região. Em outubro, o GDF assinou um acordo com o Ministério Público e o Ibama em que se compromete a derrubar cerca de 400 casas construídas sobre nascentes no Vicente Pires, na Colônia Agrícola Samambaia e na Vila São José (próxima ao Pistão Norte).

Essas demolições também são um requisito para o GDF iniciar a instalação da rede de esgoto. "Em 40 dias, concluiremos o mapeamento do local, mas ainda teremos de esperar do Ibama a análise do Estudo de Impacto Ambiental para começar com as derrubadas das construções irregulares e a remoção dos moradores", explica o subsecretário do Siv-Água, Antônio Magno.



O desafio de manter a cidade-patrimônio

Em 46 anos, Brasília superou, em muito, os planos traçados por Juscelino Kubitschek. Previsto para ter 500 mil habitantes em 2000, o Distrito Federal hoje alcança a marca de 2,3 milhões de moradores, a maior parte dependente dos serviços oferecidos no Plano Piloto, que, de acordo com a Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Seduh), concentra 80% dos empregos. Como resultado, o trânsito fica congestionado, os hospitais tornam-se sobrecarregados e garantir segurança vira um desafio.

Crescendo em média 2,2% ao ano, o DF deve ganhar pelo menos mais 300 mil moradores até 2010. Somado ao contingente que vive no Entorno, a população na região metropolitana de

Brasília deve ficar em torno de 4 milhões nos próximos quatro anos. São números que representam um desafio com o qual o DF tem de lidar desde já se quiser manter a excelente qualidade de vida. Segundo a Organização das Nações Unidas, Brasília tem mais alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do País.

"Se Juscelino viesse aqui hoje, não sei se reconheceria o lugar que idealizou", lamenta o pioneiro Ernesto Silva, 91 anos. Em Brasília desde 1954, quando participou da comissão que definiu a localização da futura capital, ele elogia a área verde e a qualidade de vida. Mas diz que muito do plano original da cidade foi alterado com o tempo. "Brasília não era para ter fábrica nem 2 milhões de habitantes, apenas ser a

capital administrativa do País", ressalta. "A migração deveria se destinar às cidades do interior de Goiás e do norte de Minas Gerais", acrescenta.

Na avaliação de especialistas, a capital da República tem chances de conciliar o crescimento populacional com a qualidade de vida. Para que isso ocorra, basta descentralizar as atividades econômicas, criando alternativas de sobrevivência fora do centro da cidade. "Na verdade, a preocupação nem é tanto com o Plano Piloto, mas com o restante do DF", ressalta o geógrafo Aldo Paviani, da Universidade de Brasília (UnB), que se dedica a estudar a região desde a década de 60.

O superintendente-regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Alfredo Gas-

taal, também defende a distribuição mais igualitária dos empregos pelas cidades do Distrito Federal. "Do jeito que está, a cidade fica cada vez mais sufocada", opina. Para ele, a solução para não pôr em ameaça o tombamento de Brasília, considerada Patrimônio Cultural da Humanidade desde 1987, é investir no crescimento fora do Plano Piloto.

Na prática, segundo Gastal, isso já está sendo feito porque o Plano Piloto só está com 300 mil habitantes. Ele rebate as alegações de que o tombamento, que estabelece a preservação do volume e da área original das construções, engessa o crescimento do DF. "Brasília é um pedaço de cidade dentro de outra muito maior", ressalta. "Fora da área tombada, ela pode crescer à vontade."

As agressões dos puxadinhos

Dentro do próprio Plano Piloto, a concepção original da cidade tem sido alterada. Os puxadinhos (*foto ao lado*) em área pública proliferam e quitinetes surgem a todo momento em salas comerciais. Nas superquadras, as coberturas dos blocos têm se tornado um sétimo andar improvisado. Na W3, pousadas e salões de beleza funcionam em área residencial e, nos comércios locais, bares montam mesas nas calçadas, incomodando os moradores das redondezas nos fins de semana.

Segundo Alfredo Gastaal, do Iphan, os desrespeitos ao conjunto arquitetônico, urbano e paisagístico de Brasília são uma realidade. No entanto, ele acredita ainda ser possível reverter a situação. "Com planejamento e conscientização, dá para resolver o problema", avalia. Em relação aos bares e ao comércio em áreas residenciais, ele sugere incentivos fiscais para transferir esses estabelecimentos para o Setor Comercial e os comércios da W3. "Essas são áreas com estacionamentos que ficam ociosos à noite", argumenta.

Gastaal apóia ainda a construção de setores comerciais fora do Plano Piloto, como ocorreu com a Cidade do Automóvel, formada por revendedoras de veículos que funcionavam na W3 Norte. O geógrafo Aldo Paviani, no entanto, adverte que essas áreas têm de contar com equipamentos públicos adequados. "Esses núcleos estão afastados da cidade e precisam de transporte público para facilitar o acesso", observa.

Novos setores habitacionais vão surgir em breve

Se conseguir superar o desafio de redistribuir os investimentos e os empregos, o Distrito Federal poderá se tornar um pólo de desenvolvimento para o Centro-Oeste. A avaliação, segundo a secretária de Habitação, Diana Motta, norteia a revisão do Plano Diretor de Ordenamento Territorial e Urbano (PDOT), em vigor desde 1997.

De acordo com Diana, a elaboração do novo plano, com segunda audiência pública marcada para o próximo dia 30, está levando em conta as tendências estabelecidas para a destinação de atividades econômicas e de novas ocupações. "Essa é a nossa estratégia para lidar com o crescimento populacional", explica a secretária.

Para abrigar a classe média, o GDF pretende, nos próximos anos, construir uma quadra no Guará e criar bairros. Além do Setor Noroeste, que deve abrigar 40 mil pessoas, a Secretaria de Habitação planeja a criação de áreas habitacionais ao lado do Jockey Clube, para 2,3 mil pessoas e em São Sebastião, que ganhará uma vila militar para 25 mil pessoas.

O Exército, por sua vez, também estuda

a criação do Setor Oeste, atrás da Rodoferroviária, para abrigar outras 86 mil pessoas. Destinado a 50 mil moradores, o Setor Habitacional Catetinho, próximo à entrada para o Gama, está com o planejamento suspenso por causa de divergências entre a Secretaria de Meio Ambiente e o Ibama.

Coordenador do Núcleo de Estudos Ambientais da UnB, Gustavo Souto Maior, considera inevitável o surgimento de novas cidades. No entanto, ele cobra a união da sociedade em torno da fiscalização para evitar a degradação das áreas de preservação. "O desenvolvimento precisa ser sustentável e a preocupação com o meio ambiente deve ter destaque nas políticas públicas", avalia.

De acordo com Souto Maior, 60% da cobertura vegetal do DF já desapareceu com a ocupação desordenada do solo. "O crescimento populacional precisa ser pelo menos racionalizado para evitar um colapso ambiental no DF", avalia. Diana Motta garante que a revisão do PDOT vai respeitar as áreas de preservação.

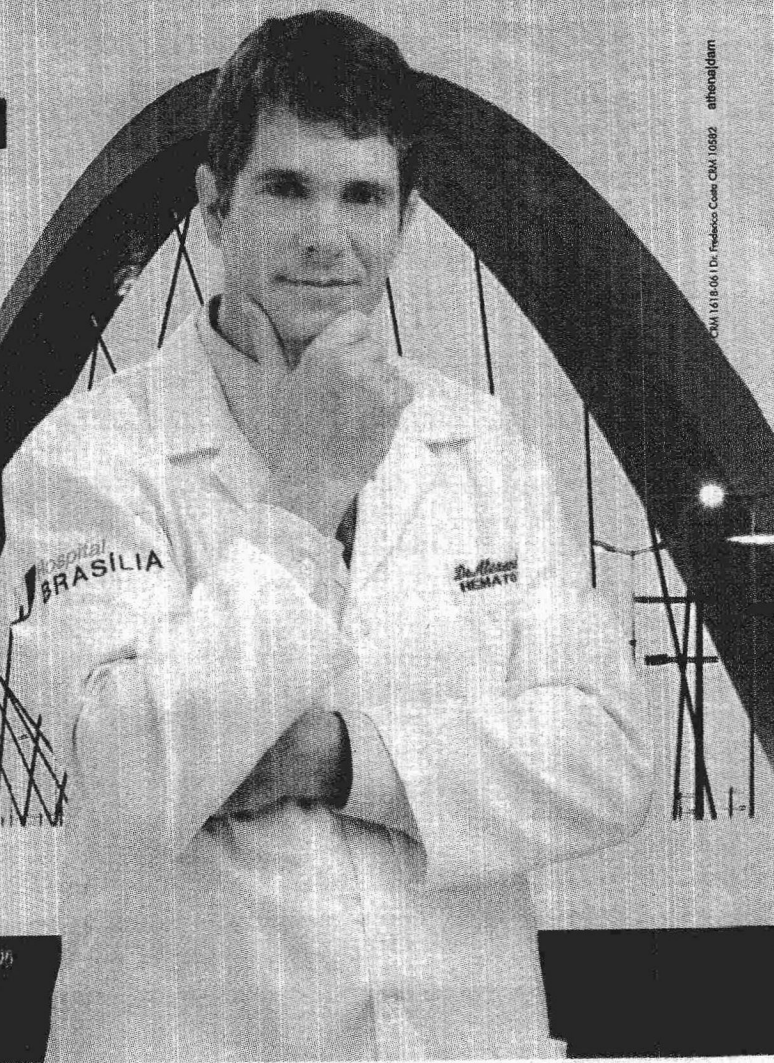
Brasília, o Hospital da Capital

O Hospital Brasília realiza o maior número de partos em maternidade privada no Distrito Federal. Faz 60 mil atendimentos em Pronto-Socorro por ano. São mais de 8 mil cirurgias, muitas delas de alta complexidade, e 10 mil internações nas mais diversas especialidades. Isso sem falar nos milhares de atendimentos ambulatoriais e exames complementares. E pensar que, com tantas pessoas escolhendo nossos serviços, a gente não mede esforços para que todo mundo volte para casa. Brasília, eleito o Melhor Hospital do Centro-Oeste*.

**Hospital
BRASÍLIA**

hospitalbrasil.com.br

* Prêmio Top Hospitalar 2009



Produção literária de Brasília em alta

Proprietário da Editora Casa das Musas, o jornalista, escritor e professor universitário Gustavo de Castro, 37 anos, considera Brasília um terreno fértil para a literatura. Para ele, a quantidade de publicação de obras locais e os leitores são os filões para os escritores locais. "O Plano Piloto possui o maior índice de leitores do País. Não é por acaso que grandes livrarias já perceberam isso e se instalaram por aqui", destaca.

Natural do Rio Grande do Norte, Gustavo encontrou aqui a oportunidade para se destacar na cena cultural. Há cinco anos, ele desembarcou na capital federal com um currículo vasto. São cinco obras como pesquisador no campo da comunicação social e filosofia, além de poesia e literatura. Dentre elas destaca-se *Arvorecendo e Jornalismo e literatura*. Ítalo Calvino e Nietzsche são algumas influências deste potiguar.

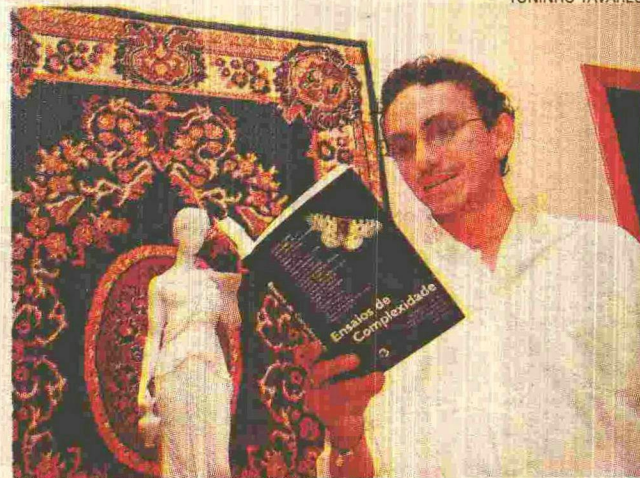
Apenas o Fundo da Arte e da Cul-

tura (FAC), da Secretaria de Cultura, lança anualmente em Brasília cerca de 80 livros, todos inéditos e de escritores locais. "São cerca de R\$ 6 mil para cada título. É um dinheiro muito bem vindo. Mas o mesmo não ocorre com a iniciativa privada", destaca Castro.

Entretanto, o escritor lembra que nem sempre quantidade significa qualidade. "Apesar do alto índice de publicações locais, não há garantia que todos sejam de boa qualidade. Somos ótimos em termo de produção, mas não existe um filtro de bons autores", diz.

Uma das influências de Gustavo de Castro também fez parte da história da cidade. Pouco conhecido localmente, o escritor judeu-brasileiro Samuel Rawet nasceu em 1929 na Polônia e emigrou para o Rio de Janeiro aos sete anos. Engenheiro de formação, mudou-se para Brasília em 1963, onde ajudou a terminar de construir a nova capital.

Rawet publicou dez livros, entre eles, *Contos do Imigrante* (1956), que foi sau-



TONINHO TAVARES

Gustavo de Castro ressaltava que a literatura em Brasília recebe incentivo oficial, mas falta o mesmo tipo de apoio da iniciativa privada

dado como inovador e recebeu vários elogios da crítica. Existencialismo, tragédia, desespero e outros conflitos psicológicos fazem parte dessa obra. Com o passar do tempo tornou-se evidente a perturbação mental de Rawet, que assumiu a forma de violento anti-semitismo, ou seja, auto-ódio judaico.

Rawet imaginava-se vítima de uma

conspiração judaica, que ele mesmo denunciava através de artigos publicados em vários jornais do Brasil. Andava pelas ruas de Brasília, de short e chinelo, com uma gaiola na mão, destinada, segundo dizia, a "pegar os ratos judeus". Morreu em 1984 na cidade de Sobradinho, mas deixou legado para as novas gerações de escritores locais.



A música que se reinventa na capital

Durante muito tempo, o som de Brasília foi associado apenas ao rock dos anos 80 ou a cantoras de voz grave como Zélia Duncan e Cássia Eller. O surgimento de novas estrelas, porém, mostra que nem só de Legião Urbana e Capital Inicial vive a música de Brasília. Mais de 20 anos depois, a música candanga ganha novas proporções e de novo se destaca no cenário nacional.

Nos últimos anos, diversos nomes têm despontado em vários ritmos. Dos românticos Rogério Midlej e Thales Júnior, que participaram do *Fama*, da Rede Globo, às bandas de reggae Natiruts e Maskavo Roots, passando pelo chorinho de Hamilton de Holanda, Brasília

torna-se celeiro dos mais diversos estilos de música. O rock não fica atrás e lança nova safra de talentos.

A fertilidade da música em Brasília impulsionou o guitarrista Philippe Seabra, da Plebe Rude, a se estabelecer na cidade e montar um selo independente. Para ele, o rock candango finalmente se consolidou. "Saímos daquele negócio que nós tínhamos, que era bem mais político, porque a cidade fazia isso com a gente, pois vivíamos na ditadura", declarou ao **Jornal de Brasília** em fevereiro deste ano.

Algumas bandas surgidas nos últimos anos fazem o rock local superar o marasmo da década passada, quando apenas Raimundos e Little Quail con-

seguiram se destacar nacionalmente. Bois de Gerião, Prot(o), Phonopop, Colina, Sapatos Bicolores são alguns desses nomes.

A sensação do momento, no entanto, é o grupo Móveis Coloniais de Acaju. Responsável por incorporar trombone e trompete ao rock, a banda foi recentemente eleita por produtores locais a melhor dos anos 2000 e chegou a aparecer em rede nacional no início do ano.

Com o passar do tempo, Brasília também consegue se firmar no roteiro de shows internacionais. No mesmo dia em que os Rolling Stones faziam show na praia de Copacabana, o DJ inglês Fat Boy Slim tocava no estacionamento do Estádio Mané Garrincha. No ano pas-

sado, passaram pela cidade estrelas internacionais de diversos estilos: Lenny Kravitz e Placebo (rock), Manu Chao (multicultural), sem contar as divas do jazz Diana Krall, Diane Schurr e Dianne Reeves.

O movimento de trazer atrações estrangeiras para se apresentarem em Brasília começou em setembro de 2003, quando o produtor Rafael Reisman organizou o primeiro Brasília Music Festival (BMF) e trouxe à cidade atrações de peso como Alanis Morissette, Pretenders, Simply Red e Live. Alegando problemas com patrocinadores, no ano passado o evento restringiu-se à música eletrônica, mas trouxe nomes consagrados no meio como Tiga e Paul van Dyk.

As artes plásticas ganham novos ares

A arquitetura de Brasília sempre foi motivo de inspiração para os artistas plásticos locais. Uma arte não figurativa, de linguagem geométrica, que aos poucos se firma e ganha identidade. Hoje, a cidade que inspirou obras de Athos Bulcão, Darlan Rosa e Glênio Bianchetti exporta artistas para várias partes do país e do mundo.

Na década de 90, a arte local tomou proporções cosmopolitas. Jovens artistas, estudantes da Universidade de Brasília e o surgimento de locais para exposições, como o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) e Conjunto Cultura da Caixa, contribuíram para a ascensão. "Tudo isso colocou Brasília de volta ao circuito nacional. Não ficamos atrás de nenhum outro lugar do País. Antes, nunca imaginaríamos ver ex-

posições de Miró, Picasso e Rembrandt", destaca.

O artista plástico Omar Franco já expôs suas obras em mais de cinco países, dentre eles Alemanha e França. Formado em Economia e Artes Plásticas pela Universidade de Brasília (UnB), ele se dedica exclusivamente às artes. "Em Brasília, pode-se viver apenas das artes plásticas. Há espaço e público", comemora Omar, natural de Santa Rita de Caldas (MG) e que vive em Brasília desde 1969.

Tudo começou em 1967. O 4º Salão de Arte Moderna de Brasília modificou o rumo das artes visuais do País com vários artistas, dentre eles Nelson Leimer. Sua obra, um porco empalhado, foi a vencedora do salão. Ela iniciou a fase de uma arte brasileira crítica e politizada, que durou até 1984. "Nos anos

80, era bom apenas o que vinha de fora", lembra Omar.

Em uma época difícil, Omar conseguiu se destacar inicialmente. Conquistou espaço para sua primeira exposição aos 20 anos. "Não tinha nada a perder e arrisquei.

Pinteí minhas primeiras telas, pedi para alguns especialistas avaliarem e ganhei minha primeira exposição. É difícil não dar certo quando você se dedica", explica. Desde 1991, a produção de esculturas de aço é sua principal atividade.



Omar Franco é um dos destaques da geração de artistas formados em Brasília

Edson Porto, primeiro médico de Brasília, relembra as serenatas embaladas pelo Peixe Vivo e por muitas canções que coroavam as noites estreladas



Pioneiros relembram os velhos tempos

"**C**omo pode um peixe vivo viver fora da água fria/Como poderei viver,/como poderei viver,/sem a tua,/sem a tua,/sem a tua companhia (...)" Essa era uma das músicas mais cantadas nas serenatas pelos pioneiros que vieram habitar a cidade idealizada, no interior do Brasil, no coração do País. Pelo menos para muitos desses heróis que acreditaram na nova capital, os primeiros acordes de *Peixe Vivo* soam com uma volta gostosa ao passado, a um tempo que se foi, mas deixou muita história para contar.

Nos primeiros anos da cidade, o Brasília Palace Hotel – o primeiro a ser inaugurado, em 1958 – era onde tudo acontecia, desde bailes de debutantes

até uma cervejinha sem pressa na beira do Lago Paranoá. O barzinho acolhedor do hotel era o local predileto para encontrar velhos amigos e colocar o papo em dia. As sessões de cinema eram realizadas no lobby do Palace. "Até minha lua-de-mel passei no hotel", recorda o empresário Elson Cascão, 74 anos, que chegou à cidade em maio de 1958.

Outra opção de lazer na época eram os clubes. O Iate Clube e o Cota Mil, eram os mais movimentados. Mas bem antes da inauguração, quando Brasília era apenas poeira, em 1957, os "doutores da cidade" inauguraram o Clube dos Engenheiros, na Novacap, onde aconteciam bailes, festas e reuniões sociais. Na época, o diretor social era o

médico Ernesto Silva, mais um amigo de JK que se empenhava para tornar a vida no Planalto Central menos árida.

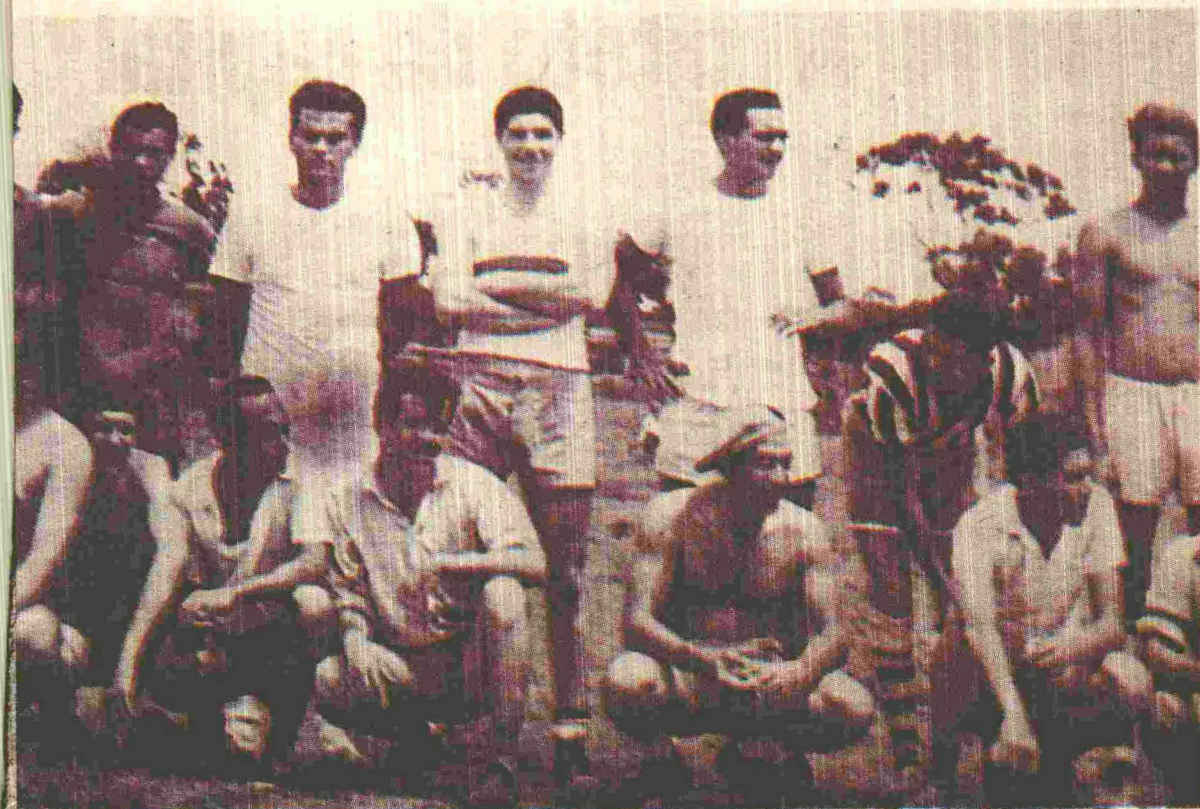
O restaurante Maracangalha, no Núcleo Bandeirante, também era o ponto de encontro dos amigos. Outro estabelecimento citado pelos pioneiros é o Lindóia que tinha um filé, segundo eles, delicioso. Como as opções de lazer eram quase inexistentes antes da inauguração de Brasília, os pioneiros buscavam diversões simples: banhos de cachoeira, bate-papo com os vizinhos, jogo de futebol num campo improvisado e sessões de cinema.

"O cinema era empoeirado e muito quente. E claro, com o mesmo pipoqueiro na porta", recorda Elson Cascão. Mesmo com tantos desconfortos, a sala abafada atraía muita gente. "Foi no

Núcleo Bandeirante que vi *Juventude Transviada*", lembra, referindo-se ao filme estrelado na década de 60 por James Dean, símbolo da rebeldia.

Um dos passeios prediletos dos pioneiros era tomar banho na cachoeira do Paranoá, onde hoje fica a barragem do lago. "Era muito arriscado. Inclusive a esposa do médico Edivaldo Pacheco morreu numa dessas visitas ao local", diz Cascão. Segundo ele, o melhor da diversão era o fato de não ter violência. "Deixávamos os carros abertos com a chave dentro", relembra.

Para retratar o clima de ingenuidade da época, Cascão lembra que, um dia, viu alguém dirigindo a caminhonete dele. "Fui atrás do motorista e ele se desculpou pois havia trocado os veículos sem que-



Jogar futebol era um dos passatempos favoritos dos pioneiros de Brasília, nos idos dos anos 50

rer", relata aos risos. "Naquele tempo, todos eram do mesmo nível e a carona era um ato natural, bastava acenar o polegar da mão que conseguia o transporte gratuito", explica.

Primeiro médico de Brasília, Edson Porto, 74 anos, fala com saudade das serenatas embaladas pelo *Peixe Vivo*. Repletas de lembranças e emoções, as canções coroavam as noites estreladas com muita beleza. "Teve uma época que passei a tocar só o chorinho e músicas românticas", afirma o médico, que hoje tem na Internet a melhor amiga. "Gosto de pintar, mas tive de deixar o hobby de lado por causa de uma artrose", lamenta.

Ernesto Silva, 91, relembra com saudade do lazer nos tempos de pioneiro. Segundo ele, durante a construção da nova capital, a grande fonte de diversão eram os bailes promovidos pelos candangos e as serestas. "Apesar das dificuldades, éramos felizes", recorda. "Dava para sentir a esperança nos olhos de todos", relembra.

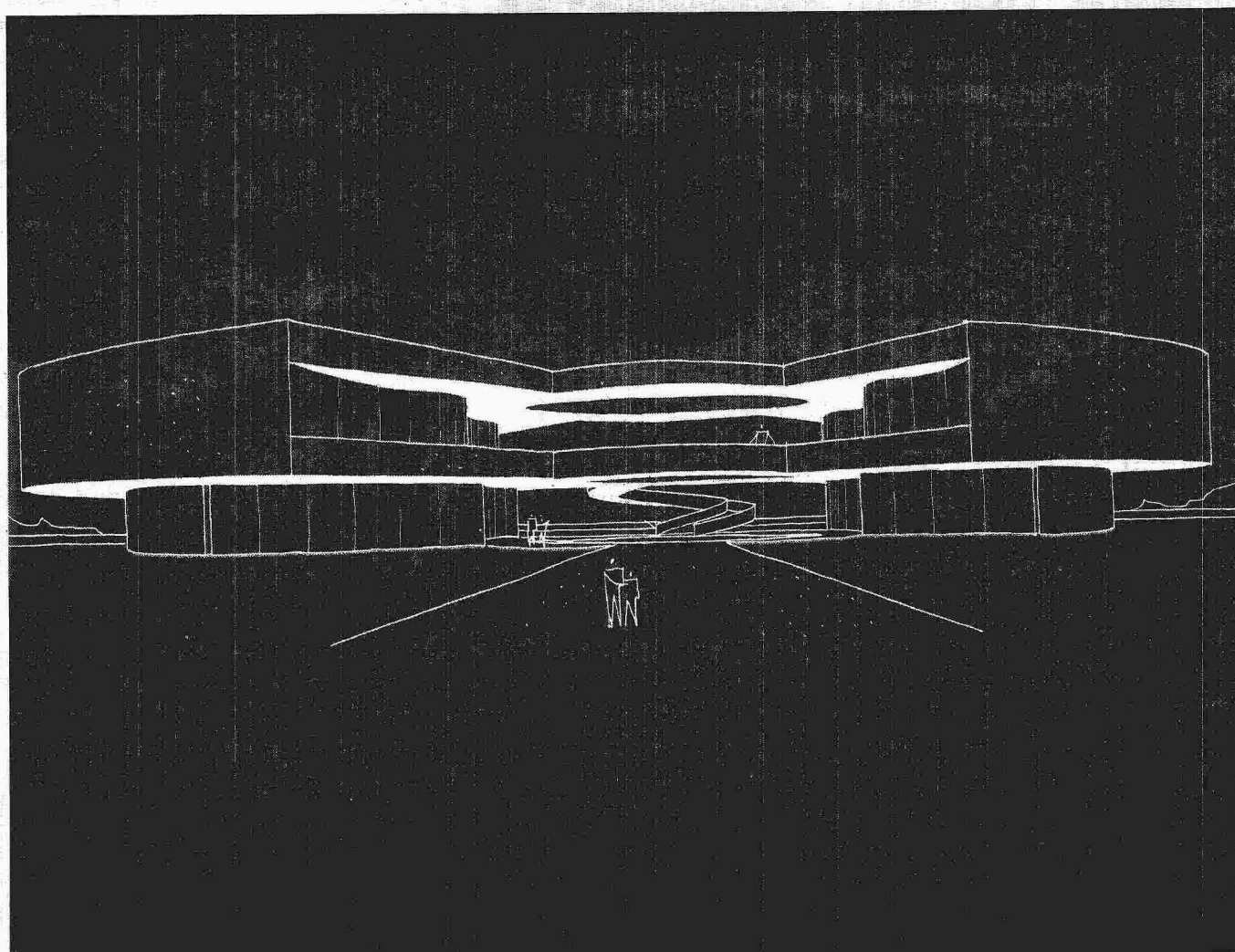
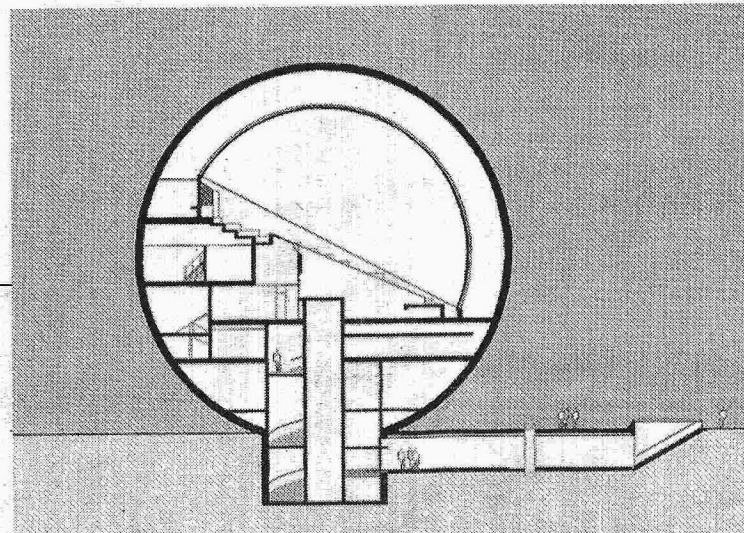
Atualmente, o entretenimento de Ernesto é caminhar nas áreas verdes do Plano Piloto, admirando a cidade que ajudou a criar. Ele considera Brasília um bom local de convivência para o idoso. "Aqui, só os mais velhos e as crianças têm tempo para aproveitar a cidade de verdade", avalia.

Os traços inéditos do arquiteto da capital

Autor dos monumentos mais famosos de Brasília, Oscar Niemeyer quer terminar sua obra. Hoje, ele tem pelo menos quatro edificações idealizadas para o Distrito Federal. As construções não têm data para começarem a ser erguidas e algumas até são alvo de polêmica, mas as maquetes e os esboços indicam que o arquiteto de 98 anos continuará a esculpir a paisagem da cidade com suas curvas arrojadadas.

Setor Cultural Norte

Esboçado em 1999, o Setor Cultural de Brasília até agora teve apenas o lado sul, que abriga o Museu Nacional e a Biblioteca Central de Brasília, construído. No lado oposto do Eixo Monumental ainda faltam ser erguidos o Centro Musical, em forma de caracol, e o Cinema 180°, composto por uma obra esférica. A platéia, ficará na parte superior do local, enquanto a equipe de apoio permanecerá um pouco mais abaixo.

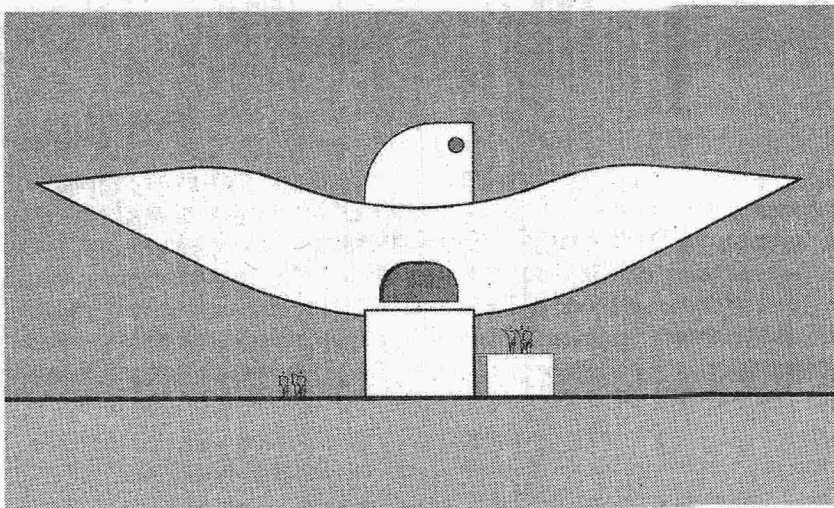
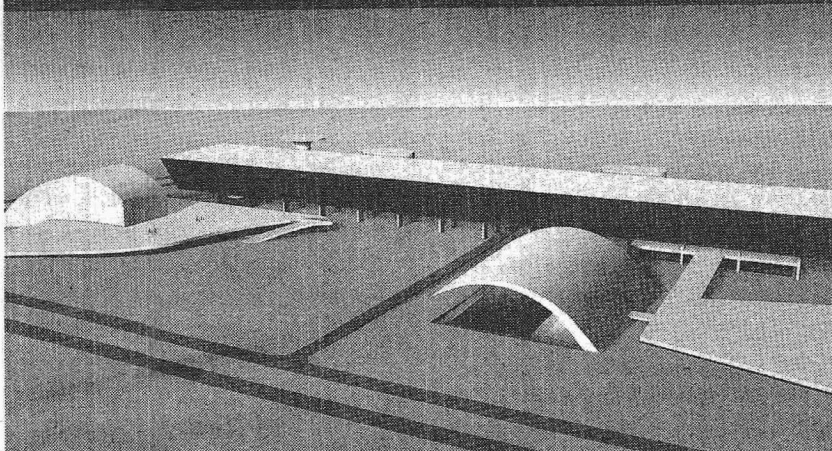


Museu Internacional das Águas

Um museu circular que dá a idéia de estar submerso. O projeto foi idealizado em 2003 e prevê a construção de dois andares para exposições, cujo acesso será por meio de rampas. No centro, um grande jato de água será o destaque. Será construído numa área de 8 mil metros quadrados, ao lado da administração do Parque da Cidade. O investimento será de R\$ 14 milhões em obras físicas e R\$ 6 milhões em equipamentos e infra-estrutura.

Monumento à Paz

Idealizado em 2005 por Niemeyer, tem a forma de uma pomba branca e ficará em frente à Rodoviária do Plano Piloto. Com 25 metros de altura, tem comprimento de 60 metros de asa a asa. O projeto é alvo de impasse entre o arquiteto e o Iphan porque a Lei de Preservação, que dita regras quanto à preservação da área tombada, não permite qualquer tipo de edificação no canteiro central do Eixo Monumental abaixo da Rodoviária.



Universidade Salgado de Oliveira

Formada por três prédios, está localizada na área próxima à Estrada Parque Indústria e Abastecimento (Epia), atrás da Leroy Merlin. Apresentado ao Conselho de Gestão da Área de Preservação de Brasília (Conpresb) há duas semanas, o projeto causa polêmica porque prevê edificações com até 30 metros de altura, quando o limite na região é de até 12 metros. Para ter a construção aprovada, o projeto não pode contrastar com o horizonte nem com as outras construções da área, o que, segundo Niemeyer, é possível por causa do declive do solo.

A Brasília pré-JK

Antes de Juscelino Kubitschek, pecuaristas, expedicionários e mineradores deixaram suas marcas nas terras que hoje abrigam o Distrito Federal. Erguidas quando a cidade ainda nem existia, algumas edificações ajudam a contar momentos distantes da história da capital da República. São construções que convivem com o desconhecimento dos moradores e atualmente enfrentam o abandono.

PEDRA FUNDAMENTAL – No Morro do Centenário, a nove quilômetros de Planaltina, a pedra fundamental demarca o local onde inicialmente seria construída a capital federal. A 1.033 metros de altitude, exatamente no centro geográfico do País, o monumento foi assentado em comemoração ao centenário de Independência do Brasil, em 1922. É um obelisco em forma de pirâmide, em que cada ângulo do quadrado da base aponta para um ponto cardeal. Hoje, o local

está tomado pelo mato e pelo esquecimento. A dificuldade de acesso e a falta de estrutura para receber os visitantes tornam o local ainda mais abandonado.

MISSÃO CRULS – Nas proximidades da Lagoa Feia, em Formosa, uma cruz marca o ponto por onde passaram os participantes da Missão Cruls, em 1892. A expedição ajudou a definir a localização da futura capital. Em sete meses de trabalho, a expedição percorreu 4 mil quilômetros e fez um levantamento na região sobre topografia, clima, hidrografia, geologia, fauna, flora, recursos minerais e materiais existentes no Planalto Central.

MUSEU HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PLANALTINA – Atualmente abandonada e aguardando por reforma, a casa que abriga o museu foi construída no final do século passado, em estilo colonial



CRISTIANO MARIZ

A Casa da Fazenda do Gama espera por reformas urgentes para reabrir

rústico. Com 14 cômodos, a construção tem cobertura de telha de barro tipo capa-e-bica. Inaugurada em 22 de abril de 1974, a construção abriga o Museu Histórico e Artístico de Planaltina e guarda documentos da inauguração de Brasília e mais de 6 mil livros, mas está fechado ao público desde 2004, por falta de manutenção.

FAZENDA DO GAMA – Tombada em março pelo GDF, a Casa da Fazenda do Gama espera por obras de reparo. O

local que outrora recebeu a primeira comitiva oficial antes das construções da nova capital federal está fechado e deteriorado. Nos cômodos há apenas buracos no teto e no piso de madeira. Com as chuvas, vieram as goteiras. Para evitar que o mofo tome conta do local, algumas janelas ficam abertas durante o dia. O casarão está sob responsabilidade da Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico do DF (Depha) e hoje ocupa área do Brasília Country Club, ao lado do Catetinho.

Ocupação pré-histórica data de 8 mil anos

A cidade dos monumentos futuristas tem um pé na pré-história e também desperta o interesse dos arqueólogos. Os registros mostram que há cerca de 8 mil anos povos nômades viviam no Planalto Central e montavam acampamentos temporários nos vales de rios do DF.

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), há 18 sítios arqueológicos registrados no DF. As descobertas mais recentes ocorreram em 2004, durante as obras de tubulação da Estação de Tratamento de Esgotos do Melchior, próximo a Samambaia. No local, foram encontrados fragmentos de pedras conhecidas como quartezitas, usadas na confecção de ferramentas por sociedades paleoíndias.

Por um ano e meio, uma equipe do Instituto Goiano de Pré-História e Arqueologia (IGPA), da Universidade Católica de Goiás, o Iphan e a Fundação Aroeira fez pesquisas na área. O estudo custou R\$ 1 milhão e foi patrocinado pela em parceria com a Companhia de Saneamento

Ambiental do DF (Caesb).

Durante o trabalho de pesquisa, foram encontrados na área diversos artefatos líticos (instrumentos de pedra), como raspadores e lascas usados para o trabalho com couro ou fibras vegetais. Os materiais encontrados foram levados para Goiânia e estão sendo catalogados.

INVESTIMENTO - Somente com espaço adequado para serem guardadas e exibidas, as peças poderão voltar para o DF. A Caesb, que teve de refazer o projeto do emissário e ajudou nas pesquisas, comprometeu-se a montar um museu de arqueologia próximo ao sítio. O investimento é considerado importante para desenvolver a arqueologia local.

"O DF é bastante rico em sítios arqueológicos", salienta o gerente nacional de Patrimônio Arqueológico do Iphan, Rogério José Dias. "Ainda há muita história enterrada no subsolo do Planalto Central da qual nem temos conhecimento",

acrescenta. Prova disso é que, somente na região do Ribeirão Melchior, entre Taguatinga, Ceilândia e Samambaia, existem cinco sítios, três dos quais são pré-históricos e dois datam do século 19.

Muito do material deixado pelas civilizações antigas, no entanto, pode estar se perdendo. "A ocupação desenfreada do solo, com construções surgindo a todo instante pode estar comprometendo as heranças pré-históricas", observa Rogério. Segundo ele, uma portaria do Iphan estabelece a obrigatoriedade de pesquisas arqueológicas antes do início de qualquer empreendimento com impacto ambiental. "O problema é que ninguém cumpre essa norma", reclama.

Para Rogério, um bom presente para a cidade seria a montagem de um núcleo de estudos pré-históricos pelas universidades locais ou de um museu de arqueologia. "Acho que a modernidade de Brasília ofusca o passado", avalia. "Daqui a séculos, certamente tesouros históricos serão descobertos no Catetinho", completa.

Linha do tempo

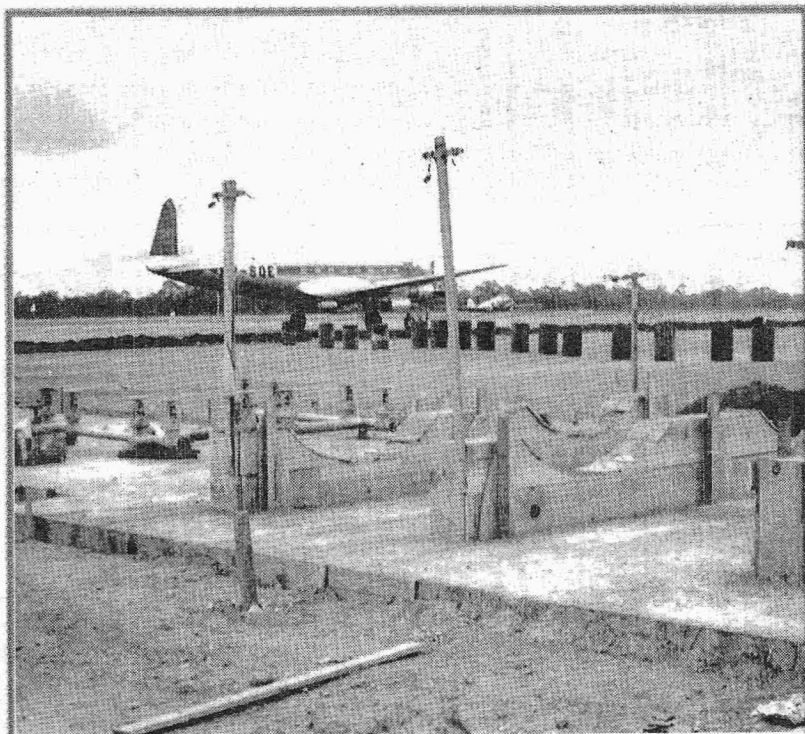
Janeiro de 1957

A primeira carta enviada pelo Correio, via aérea, foi endereçada diretamente a Brasília. O remetente chamava-se Joaquim Silva, de Xaxim, município de Chapecó, no Estado de Santa Catarina.

A primeira descarga de cimento na capital também aconteceu nesse mês. O Presidente Juscelino Kubistcheck anunciou que a Nossa Senhora da Aparecida seria a padroeira de Brasília

Março de 1957

Realizou-se o primeiro casamento na capital entre um funcionário da Novacap, José Vitorio da Silva e Generina Maria dos Santos. O Vigário de Planaltina, padre Oswaldo Sérgio Lobo, celebrou a missa de bodas. O casal Juanita Pinheiro de Queiroz e Valfrido de Freitas, que vieram em busca do sonho da nova capital, tiveram um filho, que foi o primeiro bebê nascido em Brasília. Brasília Franklin Queiroz foi batizado por Juscelino Kubitschek.



2 de abril de 1957

O aeroporto de Brasília foi inaugurado para o público. A pista media 3.300 metros.

Inaugurou-se também a primeira farmácia da capital: Farmácia Moura.

3 de abril de 1957

Nasce a primeira menina em Brasília. Em homenagem a nova cidade, os pais, Walfrido e Juanita de Freitas a batizaram de Brasiliana. O presidente JK foi o padrinho da criança.

A primeira escola (Escola Bandeirante) é inaugurada, no Núcleo Bandeirante, com 25 alunos.



Abril de 1957

Os primeiros hotéis do Núcleo Bandeirante abrem as portas: Brasília e Souza. Como também mais dois restaurantes: Maracangalha e Jurema.

3 de maio de 1957

É celebrada a primeira missa em Brasília. O ritual foi presidido pelo Cardeal-Arcebispo de São Paulo, padre Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota às 11h20. Mais de 15 mil brasileiros assistiram a missa. Destes, 5 mil já residiam na cidade. Os convidados foram transportados em 40 aviões - comerciais, particulares e militares. Confira uma parte do discurso do Presidente JK, durante a missa: "Hoje é o dia de Santa Cruz, dia em que a capital recém-nascida recebe o seu batismo cristão; dia em que nela se verifica, pela primeira vez, o mistério de transformação do pão em carne e sangue do Salvador do Mundo..."

Setembro de 1957

Foi concedido o primeiro empréstimo para o fomento agrícola em Brasília. O Banco do Brasil cedeu Cr\$ 400 mil para estimular a lavoura de café e arroz

25 de setembro de 1957

Fundou-se também o primeiro Clube de Engenharia, localizado na Novacap, um espaço para festas, serestas e carnavais

14 de dezembro de 1957

Nascem os primeiros gêmeos em Brasília: Roberto e Ricardo, filhos de José Luiz de Alcântara e Maria Ana de Alcântara. Eles foram registrados no cartório de Registro Civil de Anápolis em 23 de dezembro, e batizados, na Matriz de Sant'Ana.

Abril de 1958

Chega a Brasília o primeiro contingente de cabos e soldados da Força Aérea Brasileira.

29 de setembro de 1958

Brasília ganha o primeiro reservatório de água, com capacidade de 30 milhões de litros

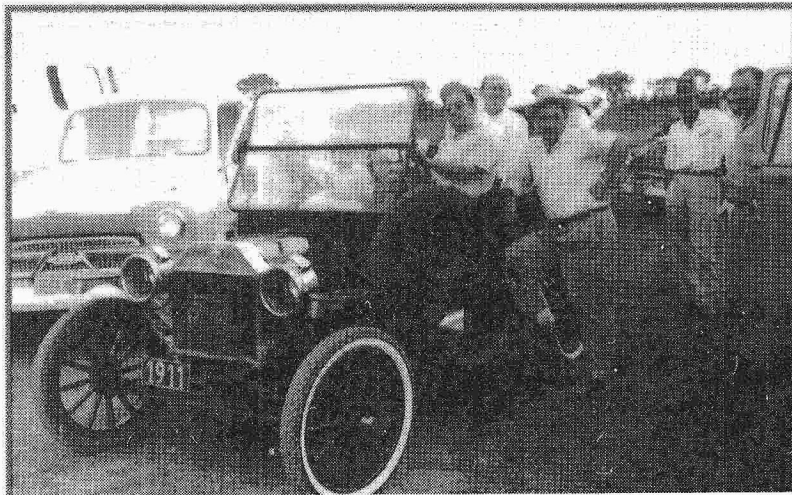


09 de janeiro de 1959

Primeiro acidente fatal na história de Brasília. O choque entre um jeep e um ônibus deixou três mortos na entrada da Fundação Casa Popular

Fevereiro de 1959

Entre 2 e 8 de fevereiro, Brasília sediou a primeira Semana de Higiene, no Núcleo Bandeirante



31 de dezembro de 1959

Caravanas automobilísticas oriundas de todos os pontos do país chegam em Brasília. Elas foram batizadas de "integração nacional".

O Superior Tribunal Federal comunicou aos seus 120 funcionários sobre a mudança para a nova capital do país. Eles ocuparam apartamentos de um, dois ou três quartos, dependendo do tamanho da família.

A Pan-American - companhia aérea - pediu a Aeronáutica dos Estados Unidos, permissão para o estabelecimento de um serviço aéreo internacional direto para Brasília. Na época, Brasília já dispunha de uma pista de três mil metros de altitude.

Janeiro de 1960

O Ministério da Fazenda preparava-se para ser o primeiro instalado em Brasília.

O Ministério da Educação abriu inscrições para professores lecionarem em Brasília. O salário variava de 25 mil a 35 mil cruzeiros.

Abril de 1960

O *Diário Oficial*, o *Diário da Justiça*, o *Boletim de Polícia* e o *Diário do Congresso* começaram a funcionar, em Brasília, no dia da sua inauguração, em 21 de abril de 1960.

O jornal *Correio da Manhã*, informou na coluna *Flagrantes*, que o concurso de desenhos para todas as crianças do país, promovido pelo Ministério da Educação, recebeu, quase que exclusivamente, arte com temas sobre Brasília. O prêmio era uma viagem a Paris.

O Brasil fez uma encomenda a firma suéca L. M. Ericsson de material de transmissão telefônica para linhas interurbanas, em Brasília. Segundo o *Correio da Manhã*, a encomenda custou 26 milhões de coroa.

Agosto de 1960

Nascem no Hospital São Vicente de Paulo, em Taguatinga, as primeiras trigêmeas da capital: Hilda Sayão, Coraci Pinheiro e Mônica Mendonça.



Setembro a dezembro de 1960

Brasília é considerada o terceiro lugar no movimento aéreo de todo o país. Perdeu para o Rio de Janeiro e São Paulo.

FONTE: ARQUIVO PÚBLICO DO DF

Urbanização no Distrito Federal

ALDO PAVIANI

Geógrafo e pesquisador Associado da Universidade de Brasília

A partir de 1969, um grupo de pesquisadores da UnB realizou pesquisas a respeito da história da transferência da Capital, do povoamento urbano, da mobilidade intra-urbana, bem como a respeito de problemas urbanos como os ambientais, habitacionais, de transportes públicos, desemprego e outros. Sobre o resultado das pesquisas, consultar a *Coleção Brasília* da UnB – uma visão ampla da urbanização no Distrito Federal.

A experiência desses estudos possibilitou a urbanistas, geógrafos, economistas, arquitetos, estatísticos, sociólogos e outros abordagens inter e multidisciplinares abrangentes do processo de urbanização. O mapa do DF resultante desse processo apresenta núcleos urbanos esparsos, pontualizados no território, pelos diversos governos, desde os anos 1960. De início, os núcleos destinavam-se ao atendimento de moradia para trabalhadores, funcionários públicos, comerciários. Os núcleos receberam então a denominação de cidades-satélites.

Por fim, também disseminados no território, encontram-se os condomínios, muitos deles irregulares ou ilegais por ocuparem áreas griladas antes devotadas à preservação ambiental. Pode-se afirmar, portanto, que o DF possui

uma constelação urbana fixa e conjuntos com feições urbanas, os condomínios, à espera de regularização que não agrida as leis ambientais e a moralidade pública.

O quadro territorial esboçado acima não revela toda a complexidade da organização do espaço ao longo do tempo. Em fins dos anos 1950, previa-se que esse território receberia uma cidade planejada (Brasília), a partir do projeto piloto do urbanista Lúcio Costa e que as cidades-satélites seriam construídas quando o núcleo central estivesse totalmente ocupado pelos 500 mil habitantes estipulados pelo governo de Juscelino Kubitschek. Todavia, extrapolando as previsões, a imigração intensa ensejou que se alterasse a proposta inicial.

Para evitar a favelização prematura da Capital, os governantes abriram espaço, em 1958, para o primeiro núcleo periférico – Taguatinga. Para essa cidade-satélite foram transferidos os milhares de trabalhadores que ocupavam as favelas próximas à Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) e os alojados nos acampamentos das construtoras. O incremento da imigração, todavia, exigiu uma continuada ação para transferir favelados. Com isto, também continuamente, novas satélites foram criadas: Gama, Guarã, Sobradinho, Ceilândia e muitos outros, totalizando mais de 2,3 milhões de habitantes atualmente no Distrito Federal.

Agora, pensa-se em novos núcleos: Catetinho, Setor Noroeste, Setor Oeste e outros, num sem findar de loteamentos oficiais. Para além do DF, o setor privado, fez loteamentos – o Entorno – onde adotou o mesmo padrão de núcleos espalhados no território, por exemplo Cidade Ocidental, Valparaíso, Novo Gama, Céu Azul, Pedregal, compondo funcionalmente o que se denominou de área metropolitana de Brasília (AMB).

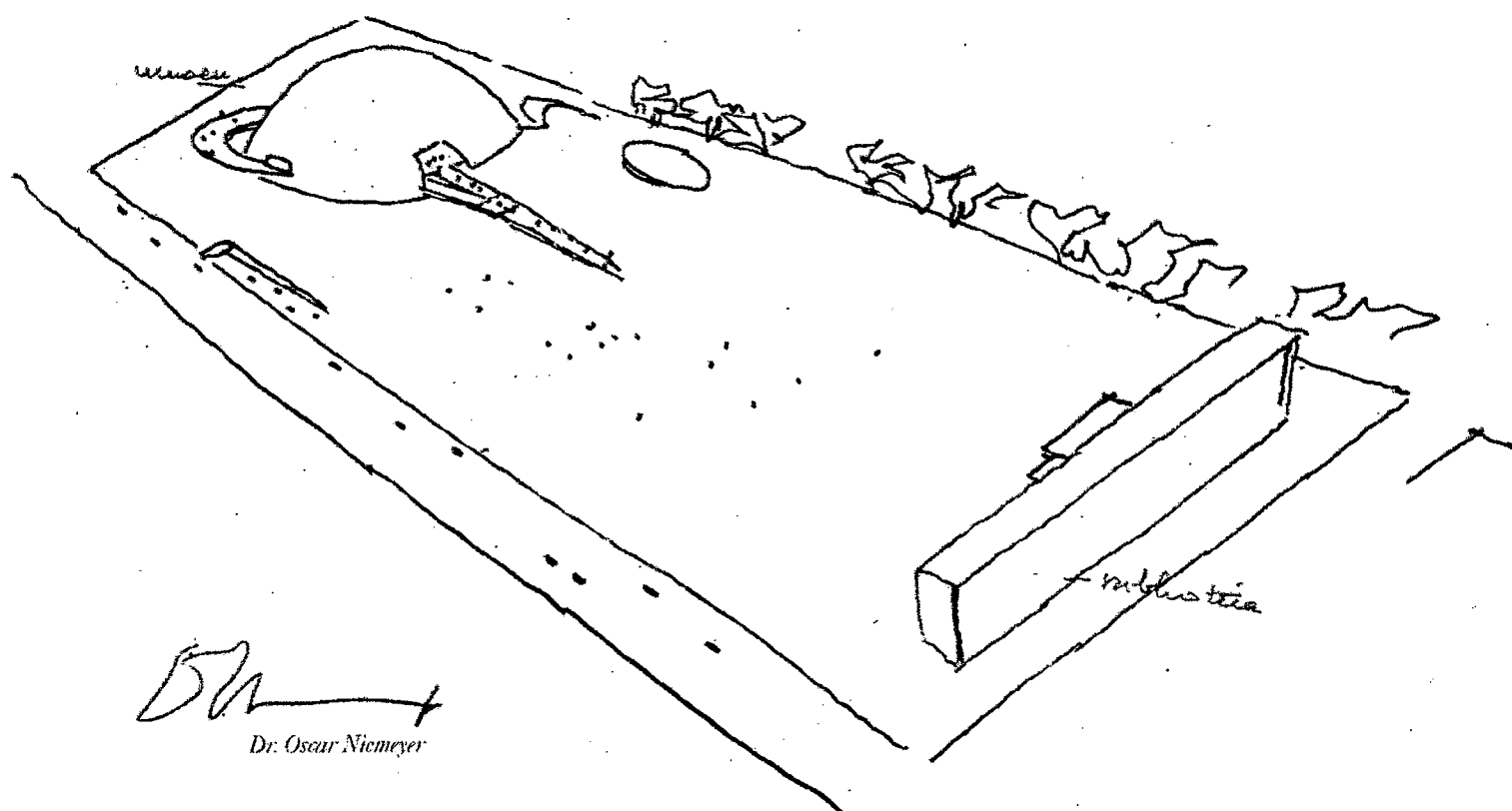
Desta política de ocupação do espaço, resultará uma grande metrópole a ser oficializada para uma gestão interestadual. Antevemos as seguintes situações para o futuro da AMB: continuidade da política incremental vigente, de povoamento pontual e concentração dos empregos no Plano Piloto. Esse modelo, perpetuando-se, levará ao congestionamento do centro e desemprego nas satélites; uma segunda hipótese seria a da adoção do planejamento urbano, descentralização das atividades e empregos em direção às satélites.

Nesse modelo de gestão, as terras seriam rigorosamente controladas a partir de estratégias prevenindo necessidades atuais e futuras; os condomínios seriam proibidos, desconstituindo-se os que resultaram de terras griladas ou ocupadas ilegalmente. Em síntese, o governo assumiria seu papel de gestor da coisa pública e guardião da legislação urbanística e ambiental a ser respeitada.

COMPLEXO CULTURAL

JOÃO HERCULINO

Mais que uma homenagem, a continuação de uma história.



Para completar o projeto original de Brasília, está sendo entregue pelo Governo do Distrito Federal o mais novo monumento do País: o Complexo Cultural da República João Herculino, localizado na Esplanada dos Ministérios. Situado no centro das decisões importantes da cidade, o Complexo Cultural da República João Herculino tem tudo para ser o mais novo motivo de orgulho para Brasília e para o Brasil. Como mais uma grande obra do projeto original do gênio Oscar Niemeyer, o Complexo Cultural da República João Herculino terá um museu em forma de cúpula, um centro musical com espaço para até 2.000 pessoas, uma biblioteca que será o centro referencial do acervo bibliográfico brasileiro, um conjunto multiplex de cinema e um cinema 180° com miniplanetário. Com tantas atrações e inovações e a fortíssima vocação cultural do monumento, o nome escolhido para representá-lo não poderia ter sido melhor: João Herculino. O homem da educação em Brasília. Com história brilhante, foi eleito prefeito, com apenas 22 anos de idade, pela cidade de Sete Lagoas e, durante toda a sua carreira política, lutou pela democracia, pelas causas populares e principalmente pela educação. João Herculino teve, na sua história de pioneirismo, o sonho de trazer para Brasília uma universidade particular de qualidade e, com muito trabalho e dedicação, acabou sendo um dos fundadores de um dos melhores centros universitários do País, o UniCEUB. Um verdadeiro exemplo de amor pela educação e pela cultura. Por tudo isso, é motivo de grande orgulho para nós que esta obra tão importante para o Brasil, o Complexo Cultural da República, receba o nome de João Herculino de Souza Lopes, primeiro reitor do UniCEUB.